

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Jeanne Mendonça Ribeiro

**A ORALIDADE NAS PRÁTICAS DE LETRAMENTO NAS AULAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA DO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL, NA ESCOLA
MUNICIPAL JOÃO OLYNTHO FERRAZ, NO MUNICÍPIO DE CONGONHAS**

CONGONHAS.

2012

Jeanne Mendonça Ribeiro

**A ORALIDADE NAS PRÁTICAS DE LETRAMENTO NAS AULAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA DO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL, NA ESCOLA
MUNICIPAL JOÃO OLYNTHO FERRAZ, NO MUNICÍPIO DE CONGONHAS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino da Língua Portuguesa e Literatura, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Gilcinei Teodoro Carvalho

Congonhas

2012

Jeanne Mendonça Ribeiro

A ORALIDADE NAS PRÁTICAS DE LETRAMENTO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL , NA ESCOLA MUNICIPAL JOÃO OLYNTHO FERRAZ, NO MUNICÍPIO DE CONGONHAS

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Gilcinei Teodoro Carvalho

Aprovado em ____ de _____ de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Gilcinei Teodoro Carvalho – Faculdade de Educação da UFMG

Maria Gorete Neto – Faculdade de Educação da UFMG

DEDICATÓRIA

A Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

Ao meu marido Davi, grande companheiro, pelo incentivo nessa fase do meu curso de pós-graduação.

À minha filha, Giulia, amor da minha vida, por compreender a importância deste momento.

Enfim, a todos os meus amigos, grandes parceiros... Alegria, comemorações em todas as minhas conquistas...

AGRADECIMENTOS

Ao professor e orientador Gilcinei Teodoro Carvalho, pela atenção e disposição sempre que precisei de seus esclarecimentos, pois somente com sua ajuda foi possível a realização deste trabalho.

À equipe da Escola Municipal João Olyntho Ferraz, pelo acolhimento carinhoso e pelo profissionalismo.

Aos alunos do 4º ano Cecília Meireles, da Escola Municipal João Olyntho Ferraz que fundamentaram o desenvolvimento deste trabalho.

À Prefeitura Municipal de Congonhas pela iniciativa em capacitar professores para o presente e o futuro.

Aos professores do Programa de Pós Graduação LASEB da FAE/UFMG.

A todos que contribuíram para a realização deste trabalho, meu muito obrigado.

*De tudo ficaram três coisas:
A certeza de que estamos sempre começando,
A certeza de que é preciso continuar e
A certeza de que podemos ser interrompidos antes de terminar.
Fazer da interrupção um caminho novo,
Fazer da queda um passo de dança;
Do medo uma escada,
Do sonho uma ponte,
Da procura um encontro.
E assim terá valido a pena existir!*

Fernando Sabino

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre a oralidade nas práticas de letramento nas aulas de Língua Portuguesa do 4º ano do Ensino Fundamental Cecília Meireles, na Escola Municipal João Olyntho Ferraz, no município de Congonhas. A abordagem desse tema se deve à necessidade de um trabalho mais significativo com a linguagem oral na sala de aula, já que no panorama brasileiro a oralidade é fundamental, visto que através dela compartilhamos ideias, debatemos opiniões, fundamentamos e adequamos os traços lingüísticos contemplados na escrita. Busca-se neste trabalho discutir o papel da escola e do professor no desenvolvimento da oralidade do educando, o que é feito através da análise do livro didático *Projeto Buriti*, além da aplicação de uma proposta de intervenção na qual os alunos interpretaram e produziram atividades referentes à linguagem oral. Para a fundamentação teórica deste trabalho, o apoio de autores como Luiz Antônio Marcuschi e Maria da Graça Costa Val foram fundamentais. Os procedimentos adotados durante o trabalho envolvem a concepção de pesquisa-ação apresentada por Thiollent, através da qual permite identificar problemas, buscar soluções e interferir na prática docente, buscando uma melhoria no desempenho dos alunos. Os resultados deste trabalho revelam aprendizagens significativas e avanços em relação ao estudo da oralidade no Ensino Fundamental, comprovando que uma boa proposta de trabalho contribui para a promoção de capacidades, conhecimentos e atitudes no que diz respeito ao trato com a oralidade.

Palavras-Chave: Oralidade. Letramento. Sala de Aula.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	10
2. O ENSINO DA LÍNGUA CULTA E O RESPEITO À VARIEDADE LINGUÍSTICA NA SALA DE AULA.....	14
2.1 Fala versus Escrita: O que esperar desse confronto?	16
2.2 O lugar da oralidade nas práticas de letramento no Ensino Fundamental.....	19
2.3 O papel da linguagem oral nas aulas de Língua Portuguesa e no dia a dia dos alunos.....	20
2.4 A pesquisa e sua contribuição para a construção de estratégias e resolução de problemas.....	21
3. A ORALIDADE NAS PRÁTICAS DE LETRAMENTO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL,.....	22
3.1 Apresentação da Escola.....	22
3.2 Perfil da Turma.	28
3.3 Analisando a oralidade segundo a Literatura disponível.....	31
3.3.1 Falar Bem se Aprende na Escola?.....	31
3.3.2 Diferenças e Semelhanças entre a Língua Falada e a Língua Escrita.....	34
3.4 O Livro Didático Projeto Buriti e sua Proposta de Trabalho.....	37
3.5 O Livro Didático Projeto Buriti em Relação aos Gêneros Oraís.....	45
3.6 Estrutura do Desenvolvimento da Prática Pedagógica.....	57
3.6.1 Eats, comida pronta para comer.....	58
3.6.2 Elas comem tudo errado.....	65
3.6.3 Perigos da obesidade.....	74
3.6.4 Entrevista – Entrando em Contato – Orientações do livro didático Projeto Buriti para a realização da entrevista como atividade de comunicação oral formal e pública.....	76
3.6.5 Elaborando perguntas e definindo papéis para a realização da entrevista.....	79
3.7 Atividade Interventiva: Entrevista - Gênero Oral Formal e Público.....	86
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	99

5.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
6. REFERÊNCIAS	104

1. APRESENTAÇÃO

Todo meu percurso como estudante foi realizado em escolas públicas e meu tempo era totalmente dedicado aos estudos.

No ano de 1993 concluí o Ensino Médio, curso Científico. Porém, a falta de condições financeiras e a resistência de meus pais ao fato de eu ir morar em outra cidade fizeram com que eu desistisse de prestar vestibular e ingressasse em uma Universidade.

Como eu gostava de estudar e não tinha outra opção, resolvi então voltar para a escola e cursar o Ensino Normal – Magistério de 1º grau, no qual obtive, no ano de 1995, o título profissional de Professora de 1º grau de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental (atualmente 1º ao 5º ano).

Nessa época, a escola passou a oferecer outro curso: o Curso Técnico em Contabilidade. Resolvi fazer este curso também e, com essa formação, consegui um emprego como secretária em um laticínio.

Passaram-se oito anos e, com os convênios assinados entre as Universidades do Consórcio Pró-Formar e o Município de Entre Rios de Minas, pude voltar a sonhar com a grande oportunidade de ingressar em uma universidade.

No dia 25 de março de 2006, realizou-se o vestibular para o curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). A ansiedade e a expectativa foram muito grandes, mas finalmente consegui alcançar meu grande sonho: entrar para a universidade.

Em 27 de maio de 2006, houve a aula inaugural, marcando o início de uma grande aventura, um novo desafio que certamente exigiria muitas mudanças e promoveria significativas transformações não só em minha vida familiar e profissional, como também no meu modo de ser, pensar, agir e viver.

No convívio universitário, muitos conceitos e práticas foram adquiridos, construídos e incorporados; outros, porém, foram questionados e até mesmo abandonados. Houve também alguns momentos de dificuldade e desânimo, ao lado de outros, de grandes sucessos e alegrias.

Concluí o curso de Pedagogia no mês de agosto de 2010 e logo participei do concurso para seleção de professor PEB I da Prefeitura Municipal de Congonhas. Fui classificada para uma das vagas e tomei posse em 17/12/2010.

Atualmente, atuo como professora nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e percebo a importância da troca de experiências, do convívio, do diálogo, da dúvida, da crítica, do erro, de não me fechar em verdades absolutas e isso contribui muito para meu crescimento pessoal, intelectual e profissional.

2012 é meu segundo ano de experiência na área da Educação e aprendi a gostar muito do que faço. Para que meu trabalho seja mais eficiente e gratificante, procuro sempre buscar conhecimento e aprimoramento, além de novas metodologias e tecnologias que me auxiliem na docência.

Durante esse pouco tempo de magistério, uma questão que sempre me chamou a atenção foi perceber que as práticas escolares estão muito centradas na escrita. Até mesmo os livros didáticos para o ensino da Língua Portuguesa, em geral, têm valorizado excessivamente o trabalho com a modalidade escrita da linguagem, em detrimento da falada, principalmente por adotarem concepções de linguagem vistas como expressão do pensamento ou instrumento de comunicação, mesmo que este fato seja negado nos manuais dos professores.

Com isso, senti necessidade de compreender a importância do trabalho com a oralidade na escola, de modo a descobrir maneiras pelas quais posso implementar práticas didáticas de produção de textos orais em sala de aula visando a formação de alunos que consigam adequar sua fala com vistas a alcançar os objetivos que a originaram, sobretudo nas diversas situações da vida em sociedade. Ou seja, a oralidade passa a ser um componente de ensino da língua.

Segundo TRAVAGLIA (2008, p. 17), a competência comunicativa é a capacidade do usuário de empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação. Assim, observa-se que a importância de trabalhar a oralidade em sala de aula se deve ao fato de que sua função coincide diretamente em desenvolver a competência comunicativa dos alunos, sem deixar de lado sua atuação com os demais componentes da língua, ou seja, a leitura, a escrita e a gramática.

Dessa forma, nota-se que a oralidade pode e deve ser integrada às aulas de Língua Portuguesa, interagindo com os demais componentes de ensino acima

citados. Isto é, oralidade e leitura, oralidade e escrita e oralidade e gramática, são eixos que obviamente não devem ser dissociados, pois auxiliam para a eficiência do trabalho docente, contribuindo para o letramento do aluno.

Portanto, a oralidade como prática social é essencial de ser estudada em sala de aula, pois ela corresponde à realidade do aluno e aproximar o ensino à realidade social é fundamental para o processo de aprendizagem. Nessa direção, o professor precisa mostrar ao aluno as diversas maneiras de se expressar de acordo com o que a situação exige, pois uma pessoa quando conversa com um amigo não se comporta da mesma maneira que quando conversa com uma autoridade, por exemplo.

A identificação dos papéis sociais exercidos no momento de interação é muito importante no processo de aprendizagem, pois faz com que o aluno, à medida que reconhece as diferenças que ocorrem na fala, dependendo da situação em que acontece a interação, amplia ainda mais seu vocabulário, fazendo com que possa também aprender a respeitar as variações lingüísticas que ocorrem entre falantes de uma mesma língua.

Enfim, questões como trabalhar a oralidade, escrita, leitura e gramática devem estar interligadas e cooperarem entre si, levando o aluno a desenvolver uma maior diversidade de habilidades para continuar o processo de letramento.

Assim, como afirma Antunes:

Uma aula de português bem mais eficaz para o desenvolvimento do aluno deve suscitar o aprimoramento da competência comunicativa, logo, pensemos na língua e linguagem de maneira interacional, como sendo uma atuação social, enquanto atividade e interação verbal de dois ou mais interlocutores, e assim, enquanto sistema-em-função, vinculado, portanto, às circunstâncias concretas e diversificadas de sua atuação. (Antunes, 2003, p.41)

Para melhor esclarecer este ponto, necessitamos deixar de lado aquela idéia de que o bom aluno é aquele que consegue melhor decodificar um texto e escrever simplesmente seguindo a norma culta, além, infelizmente de querer que ele fale do mesmo modo. Para se pensar em uma prática diferente daquelas estabelecidas tempos atrás, que já não servem atualmente, devemos refletir que o aluno não pode ser pensado como alguém que precisa somente ler e escrever de acordo com as normas gramaticais para tornar-se cidadão, pois se não forem fornecidas a ele as ferramentas para atividades de leitura e escrita de fato significativas, esse aluno não irá muito além da mera decodificação da escrita.

Portanto, será necessária uma abordagem em sala de aula que envolva não somente o ato da leitura e da escrita segundo a gramática, mas outros aspectos que fazem parte de seu dia a dia, trazendo assim a realidade do aluno para dentro da sala de aula e tornando o ambiente escolar mais favorável ao seu desenvolvimento.

Para Marcuschi (2001, p.25), a oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal a mais formal nos mais variados contextos de uso.

Assim sendo, conclui-se que o trabalho com a oralidade em conjunto com os demais componentes do ensino de língua portuguesa (leitura, gramática e escrita), constitui-se em excelente ferramenta para o desenvolvimento da capacidade comunicativa do aluno, uma vez que, além de fazer parte do seu cotidiano, ela é o ponto inicial e primordial para efetivar práticas educativas e aprendizagens mais eficientes.

Diante do exposto, argumenta-se pela legitimidade da oralidade como um componente de ensino.

2. O ENSINO DA LÍNGUA CULTA E O RESPEITO À VARIEDADE LINGÜÍSTICA NA SALA DE AULA

O Plano de Ação constitui-se na primeira parte do Trabalho de Conclusão de Curso solicitado pela disciplina Análise Crítica da Prática Pedagógica (ACPP), da Faculdade de Educação (UFMG – Laseb) e foi realizado na Escola Municipal João Olyntho Ferraz, no município de Congonhas, Minas Gerais.

A proposta do plano aponta para novas possibilidades de abordagem da linguagem oral na sala de aula, já que, no panorama brasileiro, a oralidade é e sempre foi fundamental. Através da fala, ou seja, da oralidade, compartilhamos ideias, debatemos opiniões, fundamentamos e adequamos os traços lingüísticos contemplados na escrita.

Acredita-se, portanto, que o trabalho com a oralidade se fundamenta no desenvolvimento das habilidades lingüísticas de falar e escutar. Neste sentido, o escutar não pressupõe uma atitude passiva, pela qual se expressa o respeito pelo interlocutor, mas principalmente a observação atenta de toda a argumentação, do encadeamento e desenvolvimento de ideias, além do respeito quanto à forma e ao momento adequado de falar.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais:

A Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades lingüísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença. Para isso, e também para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma 'certa' de falar – a que se parece com a escrita – e o de que a escrita é o espelho da fala – e, sendo assim, seria preciso 'consertar' a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. Essas duas crenças produziram uma prática de mutilação cultural que, além de desvalorizar a forma de falar do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos, por mais prestígio que um deles tenha em um momento histórico. (PCN – Língua Portuguesa, 2001, p.12)

Assim, observa-se que, de fato, a fala tem imensa importância em nossa natureza humana, uma vez que, desde novos, nos comunicamos e, desde o balbucio, sentimos e temos necessidade de falar. Sendo a oralidade a primeira

modalidade linguística a ser adquirida pelo indivíduo, faz-se essencial que a escola ponha em relevância o seu papel no processo de ensino-aprendizagem.

É certo também que, enquanto educadores, é preciso reconhecermos a importância da oralidade no desenvolvimento educativo e humano do indivíduo, visto que a linguagem oral é um valioso instrumento interdisciplinar.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais:

Não basta deixar que as crianças falem; apenas o falar cotidiano e a exposição ao falar alheio não garantem a aprendizagem necessária. É preciso que as atividades de uso e as de reflexão sobre a língua oral estejam contextualizadas em projetos de estudo, quer sejam da área de Língua Portuguesa, quer sejam das demais áreas do conhecimento. A linguagem tem um importante papel no processo de ensino, pois atravessa todas as áreas do conhecimento, mas o contrário também vale: as atividades relacionadas às diferentes áreas são, por sua vez, fundamentais para a realização de aprendizagens de natureza lingüística. (PCN, 1997, p.39)

Cabe, portanto, à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los. Isso inclui os textos das diferentes disciplinas, com os quais o aluno se defronta sistematicamente no cotidiano escolar e, mesmo assim, sente dificuldade em manejá-los, pois não há um trabalho sistematizado com essa finalidade.

Um exemplo: nas aulas de Língua Portuguesa, geralmente não se dá a devida importância ao trabalho com textos expositivos como os das áreas de História, Geografia e Ciências Naturais; e nessas aulas também não, pois considera-se que trabalhar com textos é uma atividade específica da área de Língua Portuguesa. Em consequência, o aluno não se torna capaz de utilizar textos cuja finalidade seja compreender um conceito, apresentar uma informação nova, descrever um problema, comparar diferentes pontos de vista, argumentar a favor ou contra uma determinada hipótese ou teoria. É essa capacidade, que permite o acesso à informação oral e escrita com autonomia, é condição para o bom aprendizado, pois dela depende a possibilidade de aprender os diferentes conteúdos.

Por isso, todas as disciplinas têm a responsabilidade de ensinar a utilizar os textos de que fazem uso. Contudo, é a disciplina de Língua Portuguesa que deve tomar para si o papel de fazê-lo de modo mais sistemático.

O presente estudo, resultado da aplicação de um plano de ação pedagógica, apresenta-se como uma pesquisa em que será analisado o trabalho referente à

oralidade no livro didático *Projeto Buriti*, adotado pela escola para ser trabalhado com as turmas de 4º ano do Ensino Fundamental.

Em seguida realizou-se uma atividade em sala de aula, mais especificamente uma pesquisa-ação associada à oralidade nas práticas de letramento na turma de 4º ano do Ensino Fundamental “Cecília Meireles”. A proposta teve por objetivo ensinar aos alunos que comunicar bem em diferentes contextos é primordial para a vida em sociedade. Para a efetivação dessa proposta realizou-se uma atividade de entrevista, gênero oral formal e público, o qual exige preparação e apresenta uma estrutura específica.

As expectativas geradas pela atividade proposta foram as de que todos os alunos adquiram segurança ao tomar a palavra, mais especificamente ao entrevistar e tenham a oportunidade de trabalhar em situações desafiadoras, com temas mais complexos e com pessoas distantes de seu convívio.

Com esse trabalho, havia a expectativa de que os alunos se apropriariam das noções, das técnicas e dos instrumentos necessários ao desenvolvimento de suas capacidades de expressão em situações de comunicação, levando em conta o contexto em que a atividade foi produzida.

2.1 Fala *versus* Escrita: O que esperar desse confronto?

Observações preliminares permeadas em relação à minha pouca prática docente (menos de dois anos) e à minha atual vivência como professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental me despertaram o interesse em pesquisar o tema: a oralidade nas práticas de letramento em uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental.

Este trabalho justifica-se pelo fato de que as práticas de ensino da língua são, na maioria das vezes, baseadas na modalidade escrita, extinguindo quase por completo as práticas de oralidade.

Marcuschi (2002, p.21) afirma que “a fala é uma atividade muito mais central do que a escrita no dia-a-dia da maioria das pessoas”.

Assim sendo, é preocupante a quase ausência da língua oral nas aulas de Português. Ainda segundo Marcuschi:

Dedicar-se ao estudo da fala é também uma oportunidade singular para esclarecer aspectos relativos ao preconceito e à discriminação lingüística, bem como suas formas de disseminação. Além disso, é uma atividade relevante para analisar em que sentido a língua é um mecanismo de controle social e reprodução de esquemas de dominação e poder implícitos em usos lingüísticos na vida diária, tendo em vista suas íntimas, complexas e comprovadas relações com as estruturas sociais. (Marcuschi, 2002, p.25)

Desse modo, acredita-se que como objetivo educacional mais amplo, o problema do preconceito disseminado na sociedade em relação à fala precisa ser enfrentado na escola, para que haja uma educação voltada para o respeito à diferença.

Cagliari (apud Wolf, 2002) afirma que diferentes modos de falar acontecem porque as línguas se transformam ao longo do tempo, adotando características de grupos sociais diversos. Por isso, a evolução na maneira de falar não degenera a língua, ou seja, não é uma questão de certo ou errado, mas de diferentes modos de usá-la. Isto quer dizer que quando falamos com uma autoridade falamos de um jeito (mais formal) e quando falamos com parentes e amigos adotamos outra forma de linguagem (mais informal e espontânea).

Partindo desse ponto de vista, observa-se que a escola é, portanto, o lugar de alargar, conhecer e entrar em contato com novos universos, que possam dar outros significados à vida, contribuindo para que se compreenda a realidade de diversas maneiras.

Marcuschi (apud Santos, 2004) reforça que se deve partir sempre da oralidade para a escrita, trabalhando as diferenças e semelhanças entre essas duas modalidades, visto que a finalidade maior do ensino da língua é “o pleno domínio de uso de ambas as modalidades nos seus diferentes níveis”. Portanto, é preciso dar ao aluno, no ambiente escolar, a oportunidade de dominar a língua culta, respeitando sempre a variedade linguística da comunidade, e partir sempre dela para alcançar novos conhecimentos.

Assim, acredita-se que a escola, mediada pelo professor, deve respeitar o dialeto que a criança traz de sua comunidade, ao mesmo tempo em que deve oferecer-lhe o acesso à linguagem padrão, que será a garantia de sucesso numa avaliação social e também de acesso à tradição cultural escrita.

Marcuschi defende, ainda, uma abrangência mais consciente e ampla da oralidade na sala de aula:

"O trabalho com a oralidade pode, ainda, ressaltar a contribuição da fala na formação cultural e na preservação de tradições não escritas que persistem

mesmo em culturas em que a escrita já entrou de forma decisiva. Veja-se o caso tão ilustrativo dos contos populares ainda tão vivos em nosso povo não só no interior, mas também em áreas urbanas. (Marcuschi, 2002, p.25)

Dessa forma, pode-se constatar que a fala é um instrumento fundamental e essencial para entender o desenvolvimento do homem, visto que suas ações, experiências e impressões foram, a princípio, transmitidas oralmente de geração a geração numa evolução natural humana. Ainda hoje, através da oralidade, os povos conservam uma fonte viva de suas culturas tradicionais.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2002, p.63), é de suma importância dar à oralidade o mesmo valor atribuído à literatura e à gramática, visto que as práticas de oralidade como, por exemplo, seminários, debates e entrevistas ocupam lugar de pouco destaque nas metodologias de ensino adotadas.

Com sua evidente relevância, o ensino da oralidade tem timidamente ganhado espaço nas escolas, inclusive no que diz respeito aos livros didáticos. Mas, assim como na sala de aula, o ensino da oralidade no livro didático depende de objetivos de ensino que contemplem o desenvolvimento de capacidades, conhecimentos e atitudes, os quais se relacionam com a participação dos aprendizes nas interações cotidianas em sala de aula, o que implica saber escutar e saber expor suas opiniões, nas diferentes situações de uso da fala, entre outros objetivos a serem alcançados.

Porém, ainda nos dias de hoje, percebe-se que a oralidade tem sido trabalhada nas escolas como um aspecto menos importante em relação à escrita dentro da Língua Portuguesa e os resultados de práticas orais são na maioria das vezes considerados insignificantes ou até mesmo desconsiderados.

Para Marcuschi, essa realidade precisa ser mudada, quando afirma que:

Considerava-se a relação oralidade e letramento como dicotômica, atribuindo-se à escrita valores cognitivos intrínsecos no uso da língua, não se vendo nelas duas práticas sociais. Hoje, predomina a posição de que se pode conceber oralidade e letramento como atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais e culturais (MARCUSCHI, 2002, p.16)

Sendo assim, é preciso que os mitos que atribuem supremacia à escrita sejam extintos, pois ambas, fala e escrita, permitem a construção de textos coesos e coerentes; permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais ou informais e variações estilísticas.

Enfim, nossas atividades lingüísticas variam muito a depender dos contextos, dos interlocutores e das necessidades, o que nos faz estar em constante operação sociodiscursiva, pois somos diariamente desafiados a operar com a língua em condições e contextos variados, passando do oral para o escrito e do escrito para o oral. Aqui está a razão da não dicotomia e também da não supremacia entre fala e escrita ou oralidade e letramento.

2.2 O lugar da oralidade nas práticas de letramento no Ensino Fundamental

Nos vários estudos, observa-se que até os anos 80, atividades de oralidade e letramento eram vistas como estanques e dicotômicas, predominando a noção da supremacia cognitiva da escrita, atribuindo-se a esta um *status* mais alto, chegando a simbolizar educação, desenvolvimento e poder.

As atividades de oralidade, por sua vez, eram consideradas, até esta mesma época, como desordenadas, caóticas, incoerentes, ou carentes de coesão interna.

Nos dias de hoje, porém, não se pode mais examinar a oralidade e o letramento (ou fala e escrita) como opostos. Atualmente, predomina a posição que considera ambas como atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais e culturais, devido à adoção de uma posição de que lidamos com práticas de letramentos e oralidade.

Por isso, é fundamental considerar que as línguas se fundam em usos e não o contrário. Assim, não são as regras lingüísticas nem a morfossintaxe padrão os pontos que mais merecem atenção, mas os usos da língua, pois o que determina a variação lingüística em todas as suas manifestações são os usos que fazemos.

Constata-se, portanto, que as formas devem se adequar aos usos e não o contrário. Assim, defende-se atualmente a posição de que falar ou escrever bem não é apenas ser capaz de adequar-se às regras lingüísticas, mas usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido numa dada situação.

Marcuschi (2010, p.36) afirma que a oralidade, como prática social, é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhuma outra tecnologia. Com isso, Marcuschi define o homem como um ser que fala e não como um ser que

escreve, apesar de considerar a escrita como um bem social indispensável para enfrentar o cotidiano.

Segundo ele, todos os povos têm ou tiveram uma tradição oral, mas poucos tiveram ou têm uma tradição escrita. Apesar disso, considera que a oralidade não é mais importante do que a escrita ou a escrita mais importante que a oralidade. A linguagem oral é apenas a que, cronologicamente, apareceu primeiro.

Com isso observa-se que a fala faz parte da identidade humana e por isso as variações devem ser estudadas, percebidas e analisadas dentro de um contexto de usos. Assim, levantam-se vários questionamentos, dentre eles, o de que é preciso a escola fazer para mudar as concepções errôneas de que a linguagem oral é um instrumento menos relevante na sala de aula que a escrita. E, por conseguinte, como entender qual a importância da oralidade nas práticas de letramento no Ensino Fundamental?

2.3 O papel da linguagem oral nas aulas de Língua Portuguesa e no dia a dia dos alunos

Com esta proposta de intervenção, busca-se responder às questões em estudo através de um trabalho de caráter investigativo, procurando sempre partir do sujeito (no caso, o aluno) e suas dificuldades e limitações para que possa construir novos conhecimentos.

Esta nova prática pedagógica tem como objetivo geral refletir sobre a importância da oralidade nas práticas de letramento nas aulas de Língua Portuguesa, com alunos do 4º ano do Ensino Fundamental, na Escola Municipal João Olyntho Ferraz, no município de Congonhas.

Como objetivos específicos, busca-se neste trabalho discutir o papel da escola (e do professor) no desenvolvimento da oralidade do educando. Para isso, é preciso inicialmente analisar a adequação das atividades utilizadas no livro didático *Projeto Buriti*, adotado pela escola em questão, no que se refere ao ensino e aprendizagem da oralidade na referida turma.

Finalmente se faz necessário a aplicação de uma proposta de intervenção, a fim de que os alunos interpretem e produzam atividades referentes à linguagem oral, para que possam utilizar esse conhecimento adquirido na escola em seu cotidiano.

2.4 A pesquisa e sua contribuição para a construção de estratégias e resolução de problemas

Para a pesquisa ora realizada toma-se como base a concepção de pesquisa-ação apresentada por Thiollent:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e na qual os pesquisadores representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 1986 p.14)

Por meio da pesquisa-ação pode-se, portanto, identificar problemas, buscar soluções e interferir na prática docente almejando a melhoria do desempenho dos alunos. Assim, a principal finalidade dessa pesquisa-ação é a de, através de estudos, análises e inferências, tentar redimensionar a prática docente no que diz respeito ao desenvolvimento da linguagem oral dos alunos do 4º ano Cecília Meireles, da Escola Municipal João Olyntho Ferraz.

3. A ORALIDADE NAS PRÁTICAS DE LETRAMENTO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

3.1 Apresentação da escola

A Escola Municipal “João Olyntho Ferraz”, situada à Rua José Bráz Cardoso, nº 46, no Bairro Jardim Profeta, na cidade de Congonhas - MG foi criada pela Lei Municipal nº 1.062 de 07/10/1983, inaugurada no dia 26 de Fevereiro de 1984 e funciona com dependência administrativa da Prefeitura Municipal de Congonhas. A modalidade de ensino nela ministrada é o Ensino Fundamental do primeiro ao quinto ano - 1ª fase do Ensino Fundamental.

A Escola foi autorizada a funcionar pela Portaria nº 255 de 22/02/1986 e criada especialmente para atender a demanda de alunos do 1º ao 5º ano do bairro, uma vez que a Escola Municipal “Maria José de Andrade” não comportava mais o número de alunos matriculados.

A denominação da escola é uma homenagem ao pai do Sr. Deputado Jorge Ferraz, um grande benfeitor de Congonhas que conseguiu verbas e obras para o desenvolvimento do município.

Quando a Escola foi construída (1983) oferecia boas condições de funcionamento, pois atendia a uma pequena parcela da população do bairro. Com a crescente demanda, o prédio já não oferecia condições favoráveis para o atendimento aos alunos. Com solicitação feita pela direção da Escola no início do ano de 2005, o governo municipal principiou o processo de reforma da rede física. Assim, iniciou-se a construção de uma quadra coberta no local onde funcionava a cantina, refeitório, banheiros e despensa. Foram construídas seis salas (diretoria, secretaria, sala da supervisora, sala dos professores, depósito e sala de espera). Nos fundos da Escola foram construídos refeitório, cantina, despensa e vestiário com banheiro para as funcionárias. Foi feita também pintura e colocação de forro nas salas que já estavam construídas. Toda a instalação elétrica foi refeita. O piso externo, na frente do prédio, foi trocado e construída uma área de playground. A sala onde funcionava o gabinete, escritório reservado para atividades profissionais da diretora, pedagoga e secretária, foi destinada à biblioteca e sala de vídeo.

A Escola possui atualmente sete salas de aula, uma sala de informática com seis computadores para uso exclusivo dos alunos, uma biblioteca que funciona também como sala de vídeo, sendo todas essas dependências com área de aproximadamente 40 m² cada. Na escola, hoje, estudam, em média, 360 alunos divididos em dois turnos (manhã e tarde).

As janelas da escola são pequenas em relação ao tamanho das salas, impedindo a entrada e circulação do ar, o que foi corrigido com ventiladores em todas as salas de atendimento direto ao aluno. Nas dependências da escola há ainda 11 banheiros que atendem aos alunos e funcionários. O mobiliário da área administrativa atende às necessidades da escola e o das salas de aula é conservado, confortável e adequado à idade das crianças.

O que se pode observar é um bom aspecto quanto às instalações físicas, iluminação, limpeza e organização, reciclagem do lixo, corredores com murais para a exposição dos trabalhos das crianças, quadros de avisos, indicação visual das salas de aula com as respectivas turmas e também das demais dependências acima citadas.

Enfim, o projeto arquitetônico e funcional do prédio possibilita um atendimento satisfatório aos seus educandos, pois dispõe de salas espaçosas, com boa luminosidade e bem conservadas, cantina, refeitório e demais dependências necessárias para processo educacional.

Na Escola Municipal João Olyntho Ferraz trabalham 27 funcionários entre professoras, faxineiras, auxiliar de serviços gerais, supervisora, secretária, vice-diretora, diretora e vigias.

O corpo docente da escola se apresenta bastante diversificado. São dezesseis professoras: nove com curso de Pós Graduação completo, cinco com Curso Superior completo e duas com Curso Superior em andamento. Dessas, três estão cursando Pós-Graduação e uma frequenta o curso de Mestrado.

Além disso, as docentes contam com muitos cursos de capacitação oferecidos pela Prefeitura. Contudo, algumas têm grande resistência em participar de cursos para aprofundamento de estudos, algumas por trabalharem em dois turnos e outras pelo fato de que muitos desses cursos são realizados fora do horário de trabalho ou aos sábados, ficando assim desatualizadas e despreparadas para trabalhar com a nova demanda discente que a instituição apresenta.

A escola conta com o apoio de uma Supervisora pós-graduada em Pedagogia Institucional, uma Diretora que possui Pós-Graduação em Gestão Escolar e SGI, uma Vice-diretora com Ensino Superior, além de uma Secretária que possui Ensino Médio.

Há cinco cantineiras/faxineiras, sendo três com Ensino Médio completo, uma com Ensino Fundamental completo e duas com Ensino Fundamental incompleto.

A Escola conta ainda com um Auxiliar de Serviços Gerais com Ensino Superior em curso, além de dois vigias que concluíram apenas o Ensino Fundamental.

A Escola Municipal João Olyntho Ferraz atende a uma população bem diversificada, com alunos de bairros diversos da cidade e distritos, sendo a maioria de camadas populares e nível socioeconômico médio e baixo. As famílias são de baixa e média renda e pouca escolaridade.

O prédio não possui dependências para atendimentos especializados, mas as crianças recebem assistência nutricional, pedagógica e são encaminhados para atendimento psicológico, médico e odontológico quando necessário.

Quanto ao relacionamento aluno-aluno, há poucas divergências, relacionam-se com respeito mútuo e coleguismo. Raramente ocorrem desentendimentos que são logo resolvidos sem a necessidade de maiores intervenções. Os professores demonstram amizade e um bom relacionamento interpessoal, o que se estende também aos outros funcionários da instituição.

Com relação à participação dos pais na escola, sempre que necessário são convocados para reuniões e para a tomada de decisões, como realização de algum evento, festas, passeios e prestação de contas. Nesse sentido, é um grande avanço para a escola contar com a participação efetiva da maioria dos pais ou responsáveis pelos alunos.

Nas comunidades em que os alunos da escola estão inseridos, há poucas opções de lazer. Porém, a Prefeitura promove algumas atividades dessa natureza em certas épocas do ano, como por exemplo, no Dia das Crianças.

A Escola Municipal João Olyntho Ferraz promove intervenções pedagógicas pertinentes, buscando a metodologia mais adequada para melhorar o processo ensino aprendizagem e cumprir a missão de oferecer aos educandos uma educação

de qualidade, centrada no desenvolvimento de suas habilidades e competências fundamentais, proporcionando-lhes uma aprendizagem significativa e transformadora, oportunizando aos profissionais novas práticas pedagógicas e desenvolvimento de projetos, contando com a participação da comunidade escolar.

Segundo o Projeto Político Pedagógico da escola:

O Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal “João Olyntho Ferraz” tem por objetivo fazer da Escola um espaço mais agradável e eficiente no processo educacional, respeitando as diversidades e assegurando a formação comum para o exercício da cidadania do educando.
(Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal João Olyntho Ferraz, 2012, p.5)

Diante dos princípios expostos e assumindo as finalidades da Educação Nacional, conforme expressa a Lei 9.394, de 20/12/96, o Projeto Político-Pedagógico da Escola Municipal João Olyntho Ferraz tem um sentido transformador, buscando promover a comunidade educativa, realizando a convivência de pessoas conscientes, livres e responsavelmente comprometidas com o bem comum.

Dessa forma, procura servir à Educação, sem distinções de ordem filosófica, política, religiosa, ou preconceitos de raça, cor ou classe social, construindo uma cidadania consciente e ativa, que ofereça aos alunos as bases culturais que lhes permitam identificar e posicionar-se frente às transformações em curso e incorporar-se na vida produtiva e sociopolítica do país.

Assim, os profissionais que trabalham na escola estimulam a valorização do conhecimento, dos bens culturais, do trabalho, levando os alunos a ter acesso a eles autonomamente, através da seleção do que é relevante investigar, questionar e pesquisar. Assim, os alunos são incentivados a construir hipóteses, compreender, raciocinar logicamente, comparar, estabelecer relações, inferir e generalizar, adquirindo confiança na própria capacidade de pensar e encontrar soluções.

Com isso, a escola incentiva o aluno a relativizar, confrontar e respeitar pontos de vista, discutir divergências, exercitar o pensamento crítico e reflexivo, comprometer-se e assumir responsabilidades.

Consoante com tais princípios, as Diretrizes Pedagógicas da escola são pautadas na convicção de que o processo ensino-aprendizagem é influenciado pelas características próprias dos alunos como sujeitos históricos, embora singulares, uma vez que expressam na sua individualidade dimensões universais no âmbito de seus processos de desenvolvimento e de aprendizagem. Tais diretrizes se desdobram em ações que favorecem o desenvolvimento do aluno no plano socioafetivo e cognitivo,

o que exige, por um lado, a formação competente de seus educadores, para que possam desenvolver dimensões integrantes da personalidade do aluno, como: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser; e, por outro lado, uma prática pedagógica favorecedora do desenvolvimento integral dos educandos, o que inclui a criação de ambientes de aprendizagem enriquecidos pelas novas tecnologias da comunicação e da informação, os quais já integram o meio do conhecimento extramuros escolares.

Ainda segundo o Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal João Olyntho Ferraz:

O Projeto Pedagógico busca, portanto, a superação de uma abordagem do processo de ensino-aprendizagem puramente transmissiva do conhecimento, que pressupõe passividade do aluno, simples memorização de conteúdos com ênfase nos resultados e não nos processos.
(Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal João Olyntho Ferraz, 2012, p.20)

Nessa perspectiva, a avaliação assume uma complexidade e um nível de responsabilidades muito maiores, não se constituindo como uma atividade puramente técnica, articulando-se, por isso mesmo, com as finalidades da educação, com a função da escola, com uma concepção do processo de ensino-aprendizagem assim como do sujeito aprendiz.

Nesse sentido, tem-se a convicção de que o processo de avaliação precisa se constituir como mais uma oportunidade para subsidiar a reorganização do planejamento das atividades pedagógicas, assumindo, por isso mesmo, um caráter formativo. Assim, todo processo avaliativo tende a ser processual, dinâmico, participativo e problematizador.

A avaliação procura ser dinâmica, na medida em que faz uso de diversos instrumentos e procedimentos para um melhor conhecimento e acompanhamento da aprendizagem dos alunos. Encarada como processo, a avaliação deve ser participativa, já que busca envolver a contribuição de alunos, professores e coordenadores, e problematizadora, já que busca investigar o desenvolvimento de competências no aluno, no sentido de possíveis intervenções adequadas na sua realidade.

Com o intuito de implementar e subsidiar a Proposta Político-Pedagógica, a equipe da Escola Municipal “João Olyntho Ferraz” busca desenvolver, no decorrer do ano letivo, muitos projetos, como: Valorização dos talentos da Escola e Comunidade; Programa de Prevenção de doenças; Saúde, Higiene e Drogas;

Semana do Meio Ambiente; Semana da Pátria; Consciência Negra; Semana do Aleijadinho; Semana Nacional do Trânsito; Projeto leitura – Semana do Livro e da Biblioteca; Projeto Tabuada; Orientação Afetivo-sexual; Promovendo a autoestima dos alunos; Integração entre escolas do bairro.

Além dos projetos que envolvem toda a escola, cada professor, juntamente com a supervisora, elabora e desenvolve projetos e sequências didáticas de acordo com os conteúdos curriculares ministrados e conforme as dificuldades apresentadas pelos alunos. A abordagem é interdisciplinar.

Há que se destacar também os projetos enviados para todas as escolas pela Secretaria Municipal de Educação, nas áreas de Língua Portuguesa e Artes, cujos temas até o ano passado (2011) eram escolhidos pela Secretaria, sem oportunidade de escolha pelos alunos e pelo professor. Neste ano de 2012, a Secretaria Municipal de Educação deixou a cargo de cada professor juntamente com seu pedagogo a escolha dos temas dos projetos, desde que estivessem adequados ao ano de escolaridade trabalhado. Essa mudança se deu devido ao descontentamento de professores e alunos em não poder participar da escolha dos temas dos referidos projetos, que acabavam por ser realizados por obrigação, visto que muitas vezes não se adequavam à realidade ou ao interesse das turmas. A estes projetos, em especial, é dada grande ênfase, visto que são expostos em locais de grande circulação de pessoas, como Rodoviária, Romaria, Agências Bancárias e outros lugares de destaque no município, além de serem apresentados em cada escola, para a comunidade dos bairros. Assim, sempre houve uma grande cobrança para a realização desses trabalhos, mesmo quando não se adequavam às turmas.

Com relação ao ensino de Língua Portuguesa e Literatura, o Projeto Político Pedagógico da escola afirma que:

Ler, escrever, falar e escutar são habilidades que nos permitem agir no mundo que nos cerca e com ele interagir. Colocamos em prática essas habilidades através da linguagem. Por isso, quanto mais conhecermos a linguagem e as inúmeras possibilidades de usá-la, tanto melhor nos expressaremos e compreenderemos a expressão dos outros.
(Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal João Olyntho Ferraz, 2012, p.15)

A utilização dessa prática pedagógica exige o contato do aluno com textos diversificados e de qualidade, interpretação e construção do sentido dos textos, abrangendo questões que procurem abordar o que diz o texto, como ele é

estruturado, quem o produziu, por que e para quem o teria escrito, além do estudo e dos seus recursos expressivos e coesivos.

O Projeto Político Pedagógico ainda fornece orientações básicas para a seleção e desenvolvimento de conteúdos, dizendo que:

O homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, manipula, partilha ou constrói visões do mundo, produz conhecimento quando domina a linguagem oral e escrita, interage efetivamente na sociedade em que vive em diversas situações, lendo, interpretando, refletindo, criticando, redigindo, usando a palavra de acordo com os papéis sociais que lhe são exigidos (letramento).

(Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal João Olyntho Ferraz, 2012, p.16)

Portanto, percebe-se que o Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal João Olyntho Ferraz considera a oralidade como um instrumento fundamental para a construção de conhecimentos, ou seja, para a aprendizagem dos alunos. Essa dimensão da importância da oralidade é defendida com o argumento da função social projetada para essa modalidade. No plano de ação proposto neste estudo, houve, portanto, uma tentativa de validar esse princípio já apontado no projeto político da escola.

3.2 Perfil da turma

O presente trabalho foi desenvolvido em uma turma de 4º Ano do Ensino Fundamental, composta por dezessete alunos com idade entre oito e dezessete anos, sendo onze meninos e seis meninas.

Os alunos dessa turma, em geral, apresentam grandes dificuldades de aprendizagem no que se refere à leitura e também à escrita, necessitando de um atendimento especial extra-horário, com atividades de reforço dos conteúdos ensinados. É importante ressaltar que esses alunos não têm dificuldades apenas nas atividades de leitura e escrita, mas também em relação à aquisição das capacidades referentes à compreensão dos conceitos lógico-matemáticos.

Tais alunos são freqüentes na escola; portanto, a ausência não é um fator que contribui para a dificuldade de compreensão e aprendizagem do conteúdo ensinado.

Durante as primeiras aulas ministradas nessa turma, observou-se, num primeiro momento, a baixa autoestima desses alunos, notando-se também que

estariam imaturos psicologicamente em relação a outros da mesma idade, o que faz cogitar questões familiares, socioeconômicas e psicológicas, além da metodologia do ensino aplicada. Dos dezessete alunos que compõem a classe, seis estão encaminhados ao núcleo de atendimento psicopedagógico da Prefeitura Municipal de Congonhas.

O histórico desses alunos apresenta características de falta de atenção e dificuldades de concentração. Contudo, percebe-se que a maioria deles apresenta interesse em construir novos conhecimentos. Percebe-se que há maior envolvimento e participação em aulas mais voltadas para a prática da oralidade que para a escrita. Quando lhes é dada a oportunidade de falar, ou seja, expressar-se oralmente, há grande participação da turma: todos querem falar, opinar, debater. Porém, quando as aulas são referentes à escrita, os mesmos alunos se mostram desinteressados, entediados, cansando-se facilmente.

Assim sendo, a participação em atividades coletivas em que a oralidade se faz presente torna-se essencial para a aprendizagem desses alunos. Tais atividades são planejadas antecipadamente para que os trabalhos sigam um ritmo organizado e a aprendizagem não fique comprometida. Nas aulas são usados materiais concretos que facilitam a compreensão e estimulam a participação dos alunos, incluindo jogos, brinquedos e brincadeiras.

Durante todo o ano letivo são desenvolvidos projetos em diferentes disciplinas com a turma, sendo que até o ano de 2011 os temas a serem trabalhados com as crianças nas áreas de Língua Portuguesa e Artes eram informados pela Secretaria Municipal de Educação. Um aspecto relevante a ser citado é que os alunos não participavam da escolha desses temas; toda a rede municipal de educação trabalhava os mesmos assuntos seguindo orientações enviadas pela Secretaria, o que gerava certo desinteresse tanto dos alunos quanto dos professores, visto que estes não podiam trabalhar temas de acordo com as necessidades e interesses da turma.

Neste ano de 2012 houve uma grande mudança. Os temas dos projetos já podem ser escolhidos pelos professores e alunos, juntamente com a pedagoga da escola. Esse fato gerou grande surpresa e contentamento, pois agora é permitido trabalhar de acordo com o interesse dos alunos, negociando-se com os projetos presentes na escola.

A relação entre a educadora e os educandos se faz através da convivência democrática, tanto em sala de aula, como em todo o espaço escolar. Observando sempre a legislação vigente, busca-se o respeito, a solidariedade, a igualdade e o comprometimento mútuos. As aulas são ministradas em um clima agradável de trabalho, almejando-se processos e resultados positivos, procurando orientar-se sempre pelo que está proposto no Plano Político Pedagógico da Escola.

A observação e o registro se constituem nos principais instrumentos de que o professor dispõe para apoiar sua prática. Por meio deles, o professor pode registrar contextualmente os processos de aprendizagem das crianças, a qualidade das interações estabelecidas com outras crianças, funcionários e com o professor, além de acompanhar os processos de desenvolvimento, obtendo informações sobre as experiências das crianças na instituição. Esta observação e seu registro fornecem ao professor uma visão integral das crianças ao mesmo tempo em que revelam suas particularidades.

São várias as maneiras pelas quais as observações são registradas pela professora. A escrita é, sem dúvida, a mais comum e acessível. O registro diário de suas observações, impressões e ideias compõe um rico material de reflexão e ajuda no planejamento educativo. Outras formas de registro são também consideradas, como as produções das crianças ao longo do tempo; fotografias, portfólios, relatórios e fichas de acompanhamento individual.

A avaliação é aqui entendida, prioritariamente, como um conjunto de ações que auxiliam o professor a refletir sobre as condições de aprendizagem oferecidas a ajustar sua prática às necessidades colocadas pelas crianças. É um elemento indissociável do processo educativo que possibilita ao professor definir critérios para planejar as atividades e criar situações que gerem avanços na aprendizagem dos alunos, tendo como função acompanhar, orientar, regular e redirecionar esse processo como um todo.

No que se refere às crianças, a avaliação permite que elas acompanhem suas conquistas, suas dificuldades e suas possibilidades ao longo de seu processo de aprendizagem. Para que isso ocorra, o professor compartilha com elas aquelas observações que sinalizam seus avanços e suas possibilidades de superação das dificuldades.

Assim, a avaliação se torna um excelente instrumento para que a instituição possa estabelecer suas prioridades para o trabalho educativo, identificar pontos que necessitam de maior atenção e reorientar a prática, definindo o que avaliar, como e quando, em consonância com os princípios educativos que elege.

Para que possa se constituir como um instrumento voltado para reorientar a prática educativa, a avaliação se dá de forma sistemática e contínua, tendo como objetivo principal a melhoria da ação educativa. O professor, ciente do que pretende que as crianças aprendam, seleciona determinadas produções das crianças ao longo de um período para obter com mais precisão informações sobre sua aprendizagem. Os pais também têm o direito de acompanhar o processo de aprendizagem de seus filhos, se inteirando dos avanços e conquistas, compreendendo os objetivos e as ações desenvolvidas pela instituição.

3.3 Analisando a oralidade segundo a Literatura disponível

3.3.1 Falar bem se aprende na escola?

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais:

Não é papel da escola ensinar o aluno a falar: isso é algo que a criança aprende muito antes da idade escolar. Talvez por isso, a escola não tenha tomado para si a tarefa de ensinar quaisquer usos e formas da língua oral. Quando o fez, foi de maneira inadequada: tentou corrigir a fala “errada” dos alunos – por não ser coincidente com a variedade linguística de prestígio social -, com a esperança de evitar que escrevessem errado. Reforçou assim o preconceito contra aqueles que falam diferente. (PCN, 1997, p.38)

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Costa Val *et alii*, no livro *Professor-leitor aluno-autor* (1998, p.117), afirmam que todo falante aprende sua língua na convivência social. É necessário, portanto, reconhecer que as práticas de letramento são iniciadas muito antes da entrada das crianças na escola e que práticas orais são essenciais no processo de inclusão social.

O Caderno do CEALE: Variação linguística e ensino (2006, p.21) reafirma o que foi dito anteriormente, quando reforça que todo falante, desde criança, sabe a sua língua. E com base nessa afirmação, questiona: “O que significa, então, ensinar a língua materna?” E também pergunta: “O que cabe à escola ensinar a quem já possui um conhecimento da língua?”

Em face destas indagações o Caderno do CEALE: Variação linguística e ensino afirma que:

O objetivo do ensino de Português como língua materna deve estar relacionado ao desenvolvimento das habilidades de uso da língua dos alunos. A escola deve prepará-los para a utilização do seu conhecimento do sistema linguístico na interação social. Ou seja, ela deve trabalhar com os usos que podem ser feitos da língua materna nas diferentes situações comunicativas em que os falantes se envolvem. Dessa forma, na escola, os alunos poderão ter a oportunidade de desenvolver tanto os conhecimentos linguísticos que eles já possuem desde pequenos quanto as habilidades de produzir e interpretar textos – orais e escritos – em diferentes variedades, em função de suas necessidades comunicativas, considerando os objetivos, os tipos de interação, os gêneros textuais utilizados. (Caderno do CEALE: Variação linguística e ensino, 2006, p.21)

Assim, observa-se que a escola deve reconhecer todas as variedades linguísticas como legítimas, ou seja, tanto a norma padrão assim como as variedades utilizadas pelos alunos em seus grupos e em suas relações sociais. Contudo, diz o mesmo caderno do CEALE (2006, p. 21): “a escola deve se ocupar de levar os alunos ao domínio da variedade padrão, a que, como sabemos, possui maior prestígio social”. Isso se deve ao fato de que a língua padrão, ou seja, a língua culta é a variedade utilizada nos eventos públicos mais formais, como cursos, palestras, formaturas, reuniões de trabalho, meios de comunicação, entre outros. E, por ser o dialeto de prestígio nas sociedades divididas em classes (como a nossa), o seu conhecimento e seu domínio se fazem essenciais para que os alunos exercitem seu pleno direito à cidadania.

Dessa forma, o Caderno do CEALE: Variação linguística e ensino afirma que:

Na escola, deve-se, então, trabalhar as diferentes variedades dialetais, sem preconceito contra qualquer uma delas. Deve-se buscar compreender como elas funcionam e os usos que delas se podem fazer. Deve-se ainda possibilitar a todos a apropriação do dialeto padrão, não para se buscar uma uniformização do nosso falar, nem uma adaptação dos falantes à variedade de prestígio, mas para lhes possibilitar a apropriação de um instrumento que lhes proporcionará uma participação ativa na sociedade como cidadão, que pode e deve lutar pelo respeito a seus direitos e pelo cumprimento de seus deveres. Vale ressaltar que muitas crianças só entram em contato com essa variedade na escola. (Caderno CEALE: Variação Linguística e ensino, 2006, p.22).

Dessa forma, ensinar a língua materna é levar os alunos a refletir sobre o que é e como funciona o sistema linguístico, com seus componentes e suas dimensões. É preciso também ensiná-los sobre os usos desse sistema nas mais diversas situações de interação, enfatizando que o falar e o escrever devem ser

vistos como busca de interlocução e expressão pessoal, ao mesmo tempo que seguem regras e convenções que regem a construção dos textos por eles produzidos.

Segundo a revista Nova Escola (2010, p.45), na reportagem: “Desafio: falar em público”, quem não apresenta suas ideias com clareza ou defende mal seus argumentos diante de um grupo enfrenta problemas tanto na sala de aula como na vida profissional. De acordo com a revista, esta afirmação se deve ao fato de que comunicar-se bem em diferentes contextos é uma questão de inclusão social. Portanto, é papel da escola ensinar a criança a falar adequadamente, conforme o contexto, através dos gêneros orais formais e públicos, que têm características próprias, pois exigem preparação e apresentam uma estrutura específica.

Entrevistas, debates, seminários e depoimentos são alguns dos gêneros orais que podem ser ensinados na escola. O empenho do professor quanto ao ensino destes gêneros deve ser o mesmo dado aos gêneros escritos como: contos, fábulas, notícias entre outros. Assim como existem contextos de produção escrita, é preciso criar contextos também para a produção de gêneros orais, pois como não há um gênero escrito sem propósito comunicativo, também não existe uma única maneira de falar.

Portanto, situações em que se determinam quem é o público, o que será dito e como, permitem aos alunos se apropriarem das noções, técnicas e instrumentos necessários para o desenvolvimento de suas capacidades de expressão em situações comunicativas. É necessário, contudo, ensinar a preparação de situações em que a comunicação oral se manifesta e para isso é preciso quatro condições didáticas básicas, segundo a Revista Nova Escola (2010, p.45): primeiramente é preciso fazer a orientação da pesquisa; em seguida, discussão de modelos; logo após, análise de simulações ou ensaios e finalmente indicação de formas de registro.

Com relação à orientação da pesquisa é preciso, por exemplo, que os alunos visitem a biblioteca ou pesquisem em livros, jornais, revistas e internet sobre o assunto a ser abordado na entrevista, procurando informações pertinentes ao tema. As anotações devem acompanhar todo o trabalho, sublinhando-se e anotando-se o que já é conhecido para evitar possíveis repetições no momento de formular as perguntas.

Já na discussão de modelos, os pequenos poderão assistir a entrevistas gravadas, feitas por professores da escola ou veiculadas na televisão e internet, o que lhes permitirá observar o comportamento dos participantes, que gestos fazem, como o entrevistado demonstra nervosismo ao sentir-se inseguro em responder determinada questão ou de que forma o entrevistador pode voltar a uma pergunta mal respondida.

Na análise de simulações ou ensaios, aplicar o questionário de uma entrevista com outra pessoa pode fornecer pistas sobre o que vai ser dito na situação real. Com esse procedimento ficará claro que algumas questões poderão ser acrescentadas ou até suprimidas, como no caso daquelas que levam respostas como sim ou não.

Por fim, no momento da entrevista, tudo o que for dito deve ser gravado ou anotado para posteriormente ser retomado, com a finalidade de elaborar um roteiro mais completo. Assim, o registro oral pode ser passado para o escrito e transformado, por exemplo, em um texto narrativo ou em uma notícia para ser publicada no mural da escola.

3.3.2 Diferenças e semelhanças entre a língua falada e a língua escrita

De acordo com Costa Val *et alii* no livro *Professor-Leitor, aluno-autor* (1998, p.116):

Se o aluno já entra na escola sabendo a língua falada e se uma das tarefas do ensino de Português é lhe proporcionar a aquisição e o desenvolvimento da língua escrita, é fundamental que o professor conheça as especificidades do texto oral e do texto escrito, e também as relações e a mútua interferência entre as duas modalidades. A partir daí é que poderá desenvolver estratégias pedagógicas que possibilitem ao aluno vivenciar situações comunicativas que o levem não só a manipular os dois sistemas como também compreender as diferenças e semelhanças entre a oralidade e a escrita. (COSTA VAL *et alii*, 1998, p.116)

Pode-se com isso rever a crença de que escrita e oralidade são atividades completamente diferentes, visto que entre esses dois modos de linguagem há uma relação tensa de aproximação e diferenciação, em que os traços de uma ou de outra, na elaboração de um texto, vão depender das condições de produção desse texto.

De acordo com o caderno do CEALE: *Produção de textos escritos* (2005, p.33), a escrita inclui e exclui algumas das propriedades da fala. Segundo o mesmo

caderno, a escrita exclui, por exemplo, a entonação, o ritmo, a gestualidade, as expressões faciais, entre outros. Em contrapartida, apresenta alguns elementos que não existem na fala, ou seja, os sinais de pontuação, os recursos gráficos como grifo, tamanho e tipos de letras, o uso de títulos, aspas, entre outros.

Assim, observa-se que a linguagem escrita possui uma série de elementos que a distinguem da fala, traduzindo, portanto, uma tecnologia bastante específica.

Assim, segundo Costa Val *et alii* (1998, p.117):

...vivenciando situações de uso concreto da fala e da escrita e refletindo sobre as características que distinguem uma da outra, o aluno pode compreender a produção textual oral ou escrita como um processo que envolve escolhas e decisões acerca dos recursos lingüísticos mais adequados, em função da situação em que se dá o jogo interlocutivo, da relação que se estabelece entre os interlocutores, dos objetivos comunicativos, e efeitos de sentido que se pretende provocar. (COSTA VAL *et alii*, 1998, p.117)

Com isso conclui-se que, mesmo que a oralidade e a escrita tenham suas especificidades, há influências mútuas em função do conhecimento do usuário e também do contexto de uso, o que quer dizer que não há uma evolução do oral para o escrito que vá fazer com que a oralidade desapareça completamente quando se domina a escrita. Isso porque, como afirma Costa Val *et alii* (1998, p.118), nem os indivíduos com alto nível de escolarização e com práticas cotidianas de leitura abandonam estratégias da oralidade que são comuns a qualquer falante/escritor.

Para melhor entender a afirmação acima, pode-se recorrer a Marcuschi (2010, p.17), o qual afirma que oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas lingüísticos, nem uma dicotomia.

De acordo com o mesmo autor, tanto a fala quanto a escrita permitem a construção de textos coesos e coerentes; ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações de estilo, sociais, dialetais, entre outras.

De acordo com o caderno do CEALE: Produção de textos escritos (2005, p.34):

Embora possam se influenciar mutuamente, fala e escrita são modalidades distintas de produção de textos, com convenções, regras de organização, processamentos, usos e modos de expressão específicos e variáveis segundo a situação social, histórica, geográfica e cultural em que se insere o usuário da língua. (Caderno CEALE: Produção de textos escritos, 2005, p.34)

Isto quer dizer, segundo o caderno do CEALE, que fala e escrita são duas modalidades de realização da língua, que se manifestam em unidades textuais diferenciadas em função da natureza da situação e da interação linguística entre os interlocutores.

Marcuschi (2010, p.46) defende ainda que a escrita não é uma representação da fala, seja qual for o ângulo que a observemos. Já que fala e escrita não se recobrem, podemos relacioná-las, compará-las e, portanto, não podemos confrontá-las em termos de inferioridade e superioridade, visto que são diferentes. Essas diferenças, contudo, não se apresentam polares e sim graduais e contínuas, sendo duas alternativas de atualização da língua em atividades sociointerativas cotidianas.

Também fica claro, segundo Marcuschi (2010, p.124), que a fala não é o lugar do caos, pois o texto oral apresenta alto grau de coesividade e de coerência, não podendo ser tido como desordenado ou fragmentário. Por outro lado, afirma o autor, os processos de compreensão desenvolvidos na oralidade são os mesmos que na escrita, variando apenas as formas de implementação em virtude das condições de produção, em especial quando o texto se dá em forma de diálogo.

Assim, Marcuschi conclui que:

... a língua não é um simples sistema de regras, mas uma atividade sócio interativa que exorbita o próprio código como tal. Em consequência, o seu uso assume lugar central e deve ser o principal objeto de nossa observação porque só assim se elimina o risco de transformá-la em mero instrumento de transmissão de informações. A língua é fundamentalmente um fenômeno sociocultural que se determina na relação interativa e contribui de maneira decisiva para a criação de novos mundos e para nos tornar definitivamente mais humanos. (MARCUSCHI, 2010, p.125)

Enfim, as palavras de Marcuschi vão ao encontro das ideias do educador João Wanderley Geraldi (1984, p.43) quando este afirma que a linguagem é uma forma de interação que possibilita muito mais que a simples transmissão de informações de um emissor a um receptor; a língua é vista como um lugar de interação humana, pois através dela o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria praticar a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não pré-existiam antes da fala, lugar de constituição de relações sociais, onde os falantes se tornam sujeitos.

3.4 O livro didático *Projeto Buriti* e sua proposta de trabalho

Figura 1: Capa do livro didático Projeto Buriti

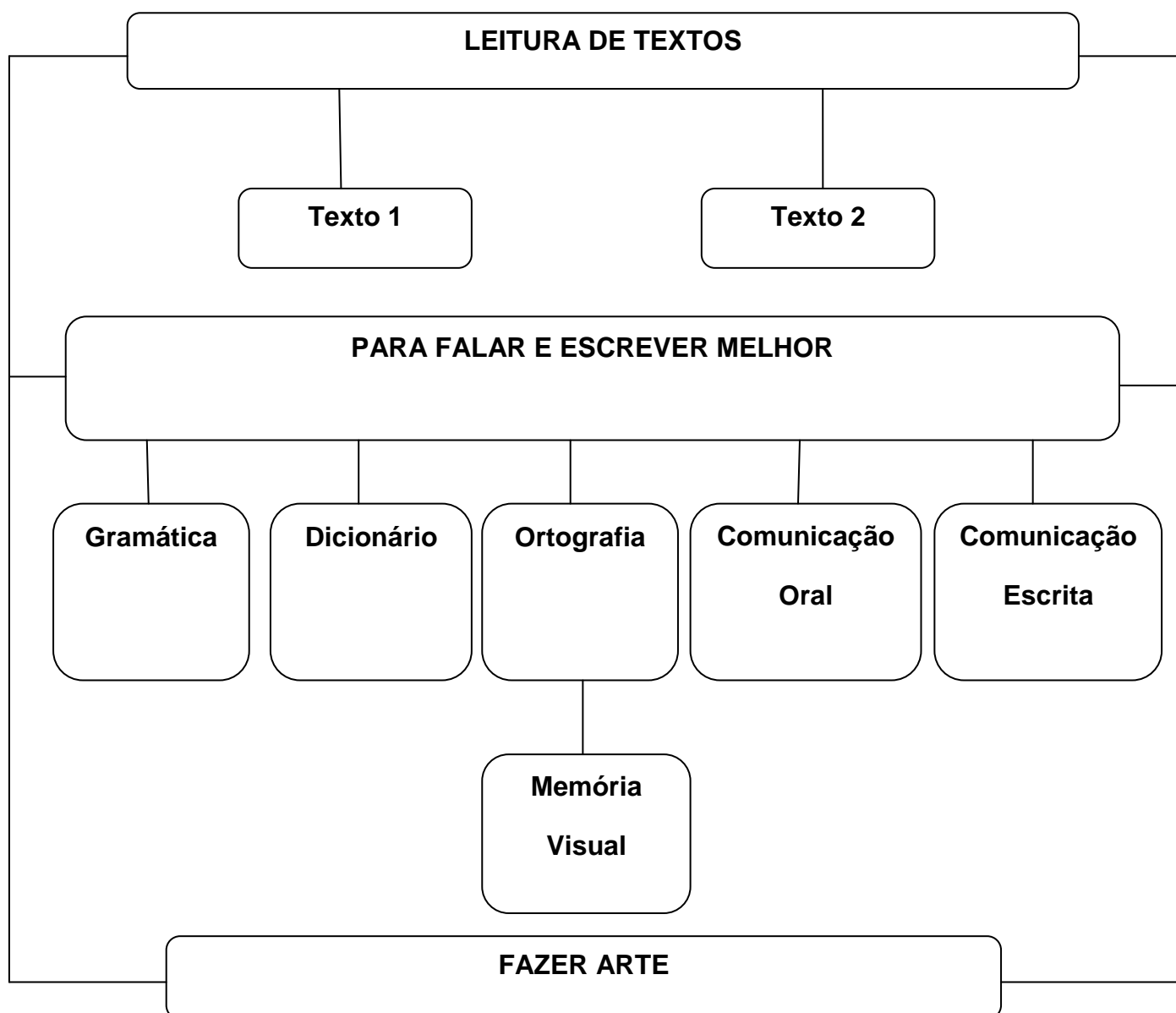


Fonte: Projeto Buriti / Português – 4º ano / Editora Moderna

O livro didático de Língua Portuguesa adotado para trabalhar com os alunos do 4º ano Cecília Meireles denomina-se *Projeto Buriti*. O livro é concebido como “Projeto” por ser uma obra coletiva, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna.

Este livro foi aprovado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e está incluído dentre as opções de escolha que o Ministério da Educação distribui às escolas públicas de Ensino Fundamental e Médio de todo o país, por intermédio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

O livro didático *Projeto Buriti* é, pois, uma obra coletiva, dividida em nove unidades, sendo que em todas elas há a distribuição dos conteúdos da seguinte maneira:



Segundo as Orientações e Subsídios ao Professor do livro didático *Projeto Buriti* (2007, p. 3), o ensino da leitura e da escrita tem sido amplamente discutido por pesquisadores e educadores. Atualmente, há muitos estudos que indicam a importância de o ensino da leitura e da escrita ocorrer em contextos significativos para a criança. Ainda que a criança não reconheça as relações existentes entre o que está escrito e o que é lido, ou seja, que não conheça as regras de nosso sistema de escrita alfabético, mesmo assim ela deve participar de práticas sociais em que a leitura e a escrita estejam inseridas.

O que a proposta didática desta coleção vem sugerir é que, desde os primeiros anos de vida escolar, deve ser oferecida à criança uma diversidade de textos que a coloquem em diferentes situações de uso da língua, tais como a leitura e/ou a escuta de textos diversos como: notícias, reportagens, cartas de leitor, propaganda, escuta e reconto de histórias infantis etc.

Assim, o livro didático orienta que essas práticas sociais se desenvolvam nas diferentes esferas sociais – familiar, jornalística, escolar etc – orientando leitores e escritores sobre algumas das finalidades que envolvem o ato de ler ou de produzir textos orais e escritos.

De acordo com as Orientações e Subsídios ao Professor do livro didático *Projeto Buriti*:

Os usuários da língua portuguesa, diariamente, selecionam gêneros adequados para a organização do seu discurso nessas esferas. Por exemplo, se a finalidade é convencer o outro a respeito da eficácia de um determinado produto, pode-se utilizar a propaganda; se há a intenção de manifestar uma opinião a respeito de matéria divulgada em um jornal, pode-se utilizar a carta de um leitor; se o propósito é manter contato com um familiar distante, pode-se utilizar a carta pessoal etc. Assim os propósitos comunicativos é que irão definir o que ler e escrever. (PROJETO BURITI, Orientações e Subsídios ao Professor, 2007, p. 3)

Por isso, o livro didático *Projeto Buriti* elege como foco principal do trabalho em Português a ‘significatividade’ da leitura e da escrita e organiza esta coleção a partir de propósitos comunicativos utilizados pelos leitores na seleção do que ler. Tais propósitos funcionarão como organizadores gerais das atividades, tanto de uso quanto de reflexão sobre a língua e a linguagem.

Os autores do livro didático *Projeto Buriti* afirmam que, ao escolher um texto para a leitura, sempre temos um propósito, ainda que de forma inconsciente e

pensando na organização didática da coleção, predefiniram alguns propósitos leitores, a saber:

1-Ler por prazer: aqui apresentam-se textos em que o propósito leitor seja divertir, emocionar, sonhar, imaginar. Com isto, os organizadores da coleção acreditam estar contribuindo para que os leitores elaborem critérios próprios de seleção de textos para leitura por prazer. Assim, selecionaram para a obra: histórias em quadrinhos, crônicas, poemas, contos, mitos e fábulas.

2-Ler para se informar: apresenta textos nos quais o leitor irá encontrar uma informação precisa, que seja de seu interesse. Os textos selecionados para esse propósito vão desde uma reportagem, até uma carta pessoal, passando pela busca de um determinado endereço no guia telefônico ou mesmo pelo nome de um filme ou o local em que ele está sendo exibido no guia cultural de um jornal.

3-Ler para aprender: esta leitura é sempre diferente das demais leituras realizadas com outros objetivos, diz a proposta didática desta coleção, pois há muitas maneiras de abordar um texto para aprender, quer seja ler os títulos e subtítulos dos textos para ter uma ideia geral do seu conteúdo, ler a introdução para selecionar um texto entre muitos, fazer anotações durante a leitura etc.

Ainda segundo as Orientações e Subsídios ao Professor:

O ato de ler para aprender sobre um determinado assunto requer, ainda, que o leitor selecione o gênero textual mais adequado aos seus objetivos. Para isso, ele deve utilizar os procedimentos de leitura adequados a cada gênero. Por exemplo, ler uma entrevista não é o mesmo que ler um relato histórico: a organização dos textos é diferente e o aluno deve aprender algumas estratégias de busca de informações em cada um dos gêneros selecionados, sob pena de não aprender o conteúdo necessário. (PROJETO BURITI, Orientações e Subsídios ao Professor, 2007, p. 5).

Assim sendo, os textos selecionados para cada unidade estão organizados por gêneros: entrevista, reportagem, conto, textos expositivos, instrucionais etc, com a intenção de abordar alguns aspectos básicos da textualidade, garantindo a aproximação dos alunos a essas formas de discurso.

Ainda com relação à leitura, o livro didático *Projeto Buriti* traz em seu “Apêndice” algumas “Sugestões de leitura”, sendo que ao final de cada unidade há uma proposta de trabalho com a leitura de um livro selecionado a partir de tais sugestões.

Com isso, o livro didático *Projeto Buriti* pretende complementar o trabalho de leitura, retomando aspectos textuais e linguísticos explorados na unidade, contribuindo assim para a consolidação da competência leitora.

Dessa forma, o livro didático *Projeto Buriti* afirma que

A intenção é envolver o aluno em propostas de leituras, produções oral e escrita e análise linguística com diferentes gêneros. Ao reconhecer as situações de produção, as marcas composicionais e temáticas de alguns dos diferentes gêneros a que está exposto socialmente, o aluno poderá fazer uso de novos e significativos recursos nas diferentes situações de comunicação a que é submetido tanto na escola quanto fora dela, ampliando, assim, suas capacidades leitora e produtora de textos. (PROJETO BURITI, Orientações e Subsídios ao Professor, 2007, p. 5)

Com relação à produção de textos, as Orientações e Subsídios ao Professor do livro didático *Projeto Buriti* (2007, p. 12) afirmam que, quando o professor propõe ao aluno a tarefa de produzir um texto na escola, deve considerar as condições de produção em que ele será produzido. Isto significa pensar em: para quem, para que e qual o modo ou veículo de circulação.

O objetivo de considerar o para quem se escreve, para que e em que condições, segundo a proposta didática do livro *Projeto Buriti* se deve ao fato de

Os textos, nos diferentes gêneros produzidos pelo aluno, serão mais adequados à medida que houver previamente mais clareza quanto às circunstâncias finais de leitura e divulgação. Se o aluno irá produzir um texto ficcional é importante que ele saiba que seu texto irá compor, por exemplo, uma coletânea a ser lida por alunos de outras classes ou pela comunidade ou pelos pais. Do mesmo modo, se for produzir um texto expositivo que apresenta o resultado de uma pesquisa, ele deverá saber se será apresentado para a classe sob forma de um seminário ou numa feira de Ciências promovida pela escola, por exemplo. (PROJETO BURITI, Orientações e Subsídios ao Professor, 2007, p. 12)

Na coleção ora analisada há duas seções destinadas à produção de textos, quer sejam: “Oficina de palavras” e “Comunicação Escrita”.

Na “Oficina de palavras”, que está integrada à seção de gramática, o aluno produz individualmente um pequeno texto em que a aplicação imediata do conteúdo gramatical estudado está aliada a aspectos textuais que formam os conhecimentos básicos para as produções maiores, tais como organização de parágrafos, elaboração de diálogos, pontuação de frases, criação de títulos, uso de sinônimos para evitar repetições etc. Os gêneros utilizados nesta seção são os de circulação social cotidiana mais próxima ao aluno: bilhete, e-mail, dedicatória, etc.

Na “Comunicação escrita”, o processo de produção é mais elaborado, sendo proposta uma situação comunicativa em que a escrita é orientada em etapas, a saber:

1-Proposta de escrita: onde é apresentado um texto-modelo para observação, onde se apresenta uma proposta de escrita que poderá ser realizada individualmente, em duplas ou em grupos.

2-Planejamento: dividido em dois momentos: Levantamento coletivo de ideias e o trabalho com o boxe “Minhas ferramentas”, o qual contribui para a recuperação dos conhecimentos linguísticos e textuais trabalhados na unidade e que podem ser utilizados na escrita do texto.

3-Rascunho: neste momento, o aluno seleciona dentre o material da etapa anterior, as ideias que poderão ser apresentadas e elabora o rascunho do seu texto, o qual deve ser delineado e organizado com vistas ao produto final, ao leitor pré-definido, à linguagem mais adequada ao perfil do destinatário e ao veículo de circulação do texto.

4-Autoavaliação: aqui são apresentadas algumas perguntas que direcionam a observação do aluno para o léxico, os elementos coesivos e a coerência do texto. A proposta didática da coleção sugere que o aluno seja orientado a ter criticidade com relação ao texto, a expor suas dúvidas e a fazer as alterações e as correções observadas tanto durante o processo de produção quanto ao final dela.

5-Finalização: recomenda que após a revisão o texto seja passado a limpo e entregue a um colega para uma segunda revisão. Propõe que os alunos em grupos ou duplas se posicionem criticamente como leitores/revisores, contribuindo para melhorar o texto do colega, apontando os caminhos que o aproximem do leitor. Ao escritor caberá ou não acatar as sugestões dos colegas. Por fim, sugere-se uma última revisão: a do próprio produtor do texto, pois somente depois dela, os textos entram em circulação conforme havia sido previsto.

As Orientações e Subsídios ao Professor indicam, ainda, sobre como fazer a revisão e a avaliação do texto produzido pelo aluno, sugerindo que a partir da análise dos textos produzidos pela classe, o professor selecione apenas um aspecto por vez para revisar, seja ele de origem lexical, ortográfica, relativo à coesão ou à coerência.

Isto porque, como afirmam as Orientações e Subsídios ao Professor:

Toda avaliação escolar deveria prestar-se ao diagnóstico do quanto está desenvolvida a capacidade comunicativa do aluno. Com esse fim, a avaliação é importante ferramenta a serviço da aprendizagem, pois pode determinar os aspectos a serem retomados e os possíveis avanços. (PROJETO BURITI, Orientações e Subsídios ao Professor, 2007, p. 15)

Assim, a proposta didática do livro sugere que sejam feitos mapas diagnósticos dos alunos, indicando os conhecimentos linguísticos já adquiridos e os que precisam ser revistos, priorizando sempre a seleção de um aspecto para intervir a cada vez, começando sempre daquele que merece ser tratado com mais urgência.

Para o estudo da ortografia no livro didático *Projeto Buriti*, por exemplo, foram selecionadas as ocorrências que frequentemente oferecem mais dificuldades para o aluno, na opinião dos organizadores da obra. Assim, tem-se no trabalho com a ortografia: divisão silábica em encontros vocálicos; divisão silábica em encontros GN, PC, PÇ, PN, PS, PT e TM; divisão silábica dos dígrafos; acentuação de palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas; letras C e S com o mesmo som; acentuação de ditongos e hiatos; terminações OSO, OSA, AM, ÃO, EZ e EZA; sons da letra X; letras G e J; letras C, Ç SC, SÇ e XC e finalmente letras S, Z e X com som de Z.

As Orientações e Subsídios ao Professor sugerem que a reflexão sobre ortografia seja feita com a pesquisa de regras, regularidades e com exercícios de fixação.

Alem disso, as Orientações e Subsídios ao Professor relatam o seguinte:

Cumprir observar que, nesta coleção, o trabalho com ortografia obedece ao que foi estabelecido no Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990, pelos países signatários, a saber: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe. Esse Acordo Ortográfico, resultado do projeto de unificação da ortografia dos sete países de língua portuguesa, foi ratificado, no Brasil, pelo Decreto Legislativo nº 54 de 1995. (PROJETO BURITI, Orientações e Subsídios ao Professor, 2007, p. 21)

Com relação à seção 'dicionário', observa-se que são apresentadas as informações possíveis de ser encontradas no dicionário, como consultá-las e também atividades efetivas de uso desse material de referência.

Em "Fazer Arte", faz-se uma conclusão do tema abordado e em alguns casos, o estudo do gênero presente na unidade.

Segundo as Orientações e Subsídios ao Professor (2007, p. 21), a produção artística presente no livro oferece momentos de criatividade, exploração de novas

técnicas artísticas e trabalho em equipe, o que estimula a responsabilidade e a tomada de decisões compartilhadas.

Já com relação ao ensino de gramática, assim como em todas as outras atividades, o livro *Projeto Buriti* adota uma visão interacionista da linguagem, ou seja, aquela que vê o uso da linguagem como uma forma de ação social entre interlocutores. Essa ação é concretizada por meio de textos e da escolha dos recursos que os compõe. Os recursos lingüísticos funcionam como pistas e instruções de sentido, para transmitir elementos de significação.

Sendo assim, ao trabalhar com o ensino de gramática, o livro adota sobretudo a concepção pedagógica de que no ensino, para o desenvolvimento da competência comunicativa, a gramática deve ser vista como um estudo das condições lingüísticas da comunicação. A gramática é então considerada como um mecanismo lingüístico que permite ao usuário da língua falar, escrever, ouvir e ler, comunicando-se por meio de textos lingüisticamente compostos, como adivinhas, trovas populares, anúncios, tirinhas, história em quadrinhos, fragmentos diversos e trechos de textos trabalhados em capítulos anteriores, adaptações de textos da internet, etc.

O estudo de gramática no livro didático de Português – 4ºano – *Projeto Buriti* está organizado em três momentos, que se completam: ativação de conhecimentos já adquiridos, apresentação de novos conceitos e aplicação.

Tal organização se deve ao fato de que os conhecimentos lingüísticos se relacionam e, por isso, a construção de novos conhecimentos exige a mobilização e ativação de outros, previamente construídos.

Em cada unidade há também a “Esquina da Poesia”, a qual encerra de modo especial o trabalho com cada um dos tópicos gramaticais, pois apresenta a língua em um contexto vivo. Os poemas apresentados nessa seção demonstram o uso significativo de alguns aspectos lingüísticos, permitindo que os alunos apreciem e se divirtam com a leitura, ao mesmo tempo em que os estimulam a identificar o modo como o poeta utilizou determinados recursos lingüísticos para conferir certos efeitos de sentido.

Assim, nota-se que o conjunto de atividades gramaticais propostas neste livro didático tem o objetivo de introduzir e ampliar o conhecimento lingüístico dos alunos, além de desenvolver sua competência comunicativa, não acolhendo a ideia

tradicional que se tem da gramática na escola, visto que o ensino de teoria gramatical não leva ninguém a ser um usuário competente da língua, mas apenas um analista de suas estruturas. E ser apenas um analista da língua é algo que a maioria das pessoas não precisa ser, mas ser um usuário competente da língua é essencial a todos, daí a postura adotada neste livro quanto ao ensino de gramática.

Por fim, segue os dizeres contidos nas Orientações e Subsídios ao Professor quanto ao domínio da Linguagem:

O domínio da linguagem oral e escrita será alcançado pelo trabalho com as diferentes situações propostas nesta coleção, que foram apresentadas até aqui – tanto as de escuta de textos, quanto as de leitura e produção oral e escrita. Sabemos que as situações de uso da linguagem e a reflexão sobre a língua favorecem a ampliação das capacidades requeridas para o seu emprego de modo coerente a cada situação de comunicação, na esfera escolar e fora dela. (PROJETO BURITI, Orientações e Subsídios ao Professor, 2007, p. 22)

Enfim, conclui-se que o Livro Didático *Projeto Buriti* apresenta uma proposta didática bem estruturada, pois, ao explorar diferentes gêneros textuais orais e escritos, colabora para despertar maior interesse pela leitura, além de incentivar o desenvolvimento de estratégias para a produção de textos e contribuir significativamente para compreensão do que se lê.

3.5 O livro didático *Projeto Buriti* em relação aos gêneros orais

A meta estabelecida nesta etapa do trabalho é a reflexão sobre as seções das unidades que se dedicam à comunicação oral, pois o alvo de análise nesta proposta é a oralidade nas práticas de letramento nas aulas de Língua Portuguesa do 4º ano do Ensino Fundamental “Cecília Meireles”, tomando como referência o livro didático *Projeto Buriti*.

Segundo as orientações e subsídios ao professor do livro de Língua Portuguesa adotado para trabalhar com os alunos do 4º ano do Ensino Fundamental “Cecília Meireles”, *Projeto Buriti* (2007, p.17), criar situações de uso e reflexão sobre a linguagem oral na escola não é uma tarefa fácil, por isso, geralmente, essa modalidade de ensino fica restrita às conversas sobre o texto lido e emissão de opiniões.

Segundo o mesmo livro, a dificuldade em materializar a linguagem oral, incluí-la na rotina diária da sala de aula e gerir a fala coletiva se explica pela ausência de estratégias voltadas para o ensino da oralidade.

Este fato pode ser explicado por DOLZ E SCHNEUWLY (1998, p.20) quando dizem que contrariamente à escrita, que se pratica no silêncio, o exercício do oral pressupõe diariamente um auditório e uma produção sonora.

Infelizmente, observa-se que a maioria das escolas encontra-se despreparadas ou desmotivadas para realizar este tipo de trabalho, visto que demanda material adequado, tempo, local e disponibilidade de alunos, professores e demais funcionários da escola.

Mesmo admitindo algumas dificuldades para trabalhar a linguagem oral na sala de aula e na escola, o livro didático *Projeto Buriti* propõe situações em que o aluno deve preparar-se para um debate, uma entrevista, uma exposição para a classe, uma explicação de um experimento e até mesmo um reconto oral de uma narrativa.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais:

Expressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo. Isso se conquista em ambientes favoráveis à manifestação do que se pensa, do que se sente, do que se é. Assim, o desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola constituir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença e a diversidade. Mas, sobretudo, depende de a escola ensinar-lhe os usos da língua adequados a diferentes situações comunicativas. De nada adianta aceitar o aluno como ele é, mas não lhe oferecer instrumentos para enfrentar situações em que não será aceito se reproduzir as formas de expressão próprias de sua comunidade. É preciso, portanto, ensinar-lhe a utilizar adequadamente a linguagem em instâncias. (PCN, 2007, p.38)

É exatamente isso o que propõe as Orientações e Subsídios ao Professor do livro didático *Projeto Buriti* (2007, p.17), quando afirmam que o que se busca é um aprimoramento da linguagem oral por meio do uso de diferentes gêneros orais em situações reais de comunicação.

Pode-se observar no livro didático ora analisado a seguinte disposição das atividades de comunicação oral em cada uma das nove unidades:



Na unidade 1, a proposta do livro didático Projeto Buriti para o trabalho com a Comunicação Oral é ensinar a fazer uma magia.

Para realizar essa atividade, cada aluno deverá dar instruções aos demais para a realização da tarefa, enquanto estes últimos deverão receber as instruções e realizá-las de acordo com a ordem prevista.

De acordo com as Orientações e Subsídios ao Professor do livro didático *Projeto Buriti* (2007, p.28) as habilidades orais de dar e receber instruções requerem saber ouvir com atenção e reproduzir as ações propostas exatamente na sequência determinada.

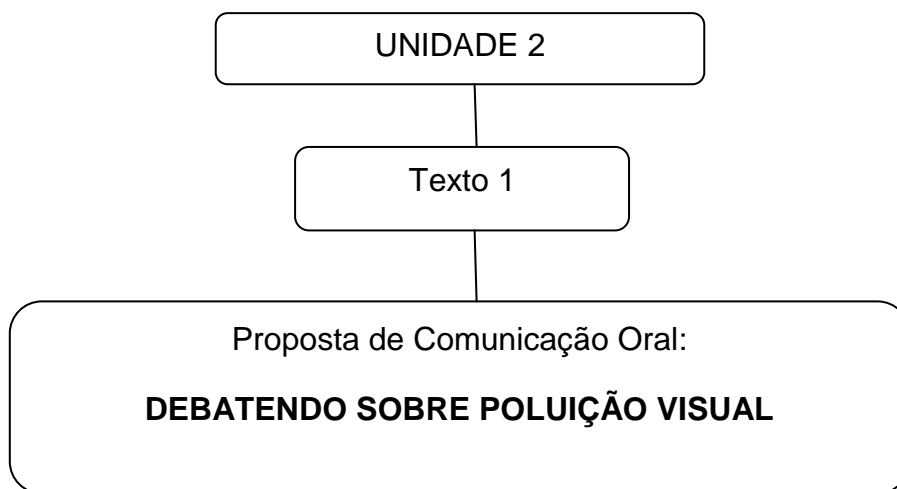
A proposta didática do livro ora analisado enfatiza a importância dos ensaios para que os alunos possam fazer uma boa apresentação oral e reforça que a atenção de todos durante a apresentação do colega é essencial para o processo de entendimento.

As Orientações e Subsídios ao Professor reforçam a necessidade de respeitar as instruções passo a passo, lembrando que a sequência é fundamental para a realização da magia.

Ao mesmo tempo, sugerem ao professor que peça ao “mágico” um pouco de suspense para atrair a atenção dos colegas, lembrando que não há necessidade de gritar, pois o importante durante a apresentação é ser objetivo e utilizar as palavras com clareza.

Assim, a proposta de Comunicação Oral “Ensinando a Fazer uma Magia” propõe uma situação comunicativa com a qual se espera que os alunos reconheçam

a necessidade básica de oferecer instruções passo a passo para que a mágica seja realizada com sucesso.



Na unidade 2, a proposta do livro didático *Projeto Buriti* para o trabalho com a Comunicação Oral é debater sobre a poluição visual.

De acordo com as Orientações e Subsídios ao Professor do livro didático *Projeto Buriti* (2007, p. 37) para debater sobre algo é preciso saber argumentar, o que requer capacidade crítica, escuta e respeito pelo outro, capacidade de retomar o discurso e tomar posição.

A proposta didática do livro ora analisado enfatiza que para realizar o debate é preciso estabelecer algumas regras, como por exemplo: todos os alunos podem expor seus argumentos, mas um de cada vez; quando um colega estiver falando, é importante respeitá-lo, ouvindo-o com atenção; os alunos não deverão repetir o que o colega já disse, mas poderão acrescentar novas ideias, etc.

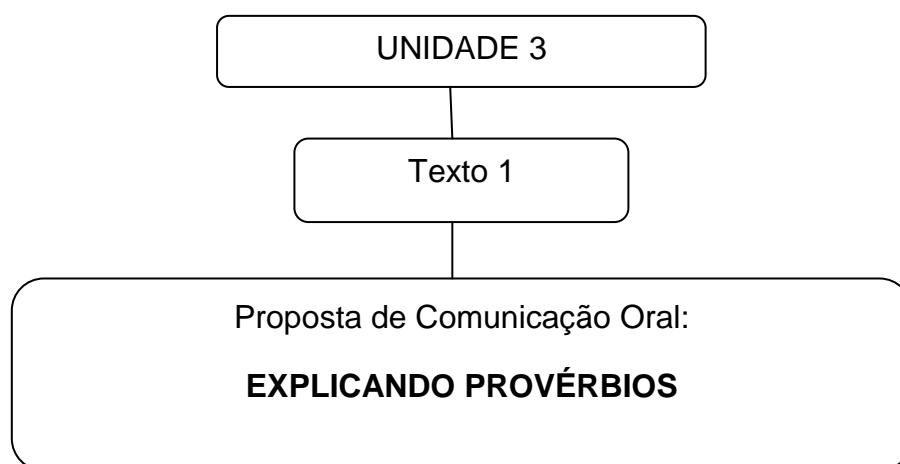
Dessa forma, o professor é orientado a agir como mediador, no sentido de fazer valer as regras combinadas, fazer sínteses do que já foi dito para que não se perca o foco do debate, além de fomentar a discussão com questões relacionadas ao tema.

As Orientações e Subsídios ao Professor indicam ainda que sejam valorizadas as opiniões de todos, mesmo que sejam diferentes umas das outras e que seja dado espaço a cada um para falar sobre o que pensa sobre o assunto.

A proposta didática do livro *Projeto Buriti* afirma que o importante é que por meio da autoavaliação os alunos reflitam sobre sua participação e o modo como desenvolveram cada uma dessas capacidades.

Por fim, é proposta uma avaliação geral do grupo, a qual poderá ser orientada por algumas perguntas, como: “Surgiram ideias diferentes sobre o tema?”; “Os diferentes pontos de vista puderam ser apresentados e discutidos?”; “O grupo chegou a uma conclusão sobre o assunto?”

Assim, a proposta de Comunicação Oral “Debatendo Sobre Poluição Visual” afirma que o debate é um gênero oral que implica defender um ponto de vista, ou uma escolha, e por isso desenvolve capacidades fundamentais, como: capacidade de posicionar-se diante de uma questão controversa, capacidade de ouvir o outro com respeito, capacidade de retomar o discurso do outro para concordar com ele ou mesmo para refutá-lo.



Na unidade 3, a proposta do livro didático *Projeto Buriti* para o trabalho com a Comunicação Oral é explicar provérbios e ouvir explicações sobre eles.

De acordo com as Orientações e Subsídios ao Professor do livro didático *Projeto Buriti* (2007, p. 46) explicar e ouvir explicações requer a escuta atenta e a utilização de linguagem objetiva e exemplos.

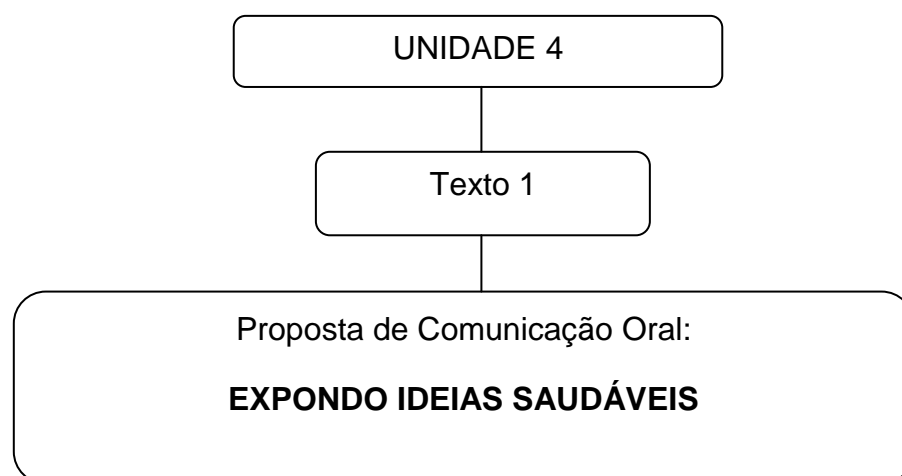
Para iniciar a atividade, o livro didático sugere ao professor que proponha uma explicação coletiva dos dois provérbios que constam no livro do aluno que são: “Mais vale um pássaro na mão do que dois voando” e “Não cutuque a onça com vara curta”.

Em seguida, propõe que o professor chame a atenção dos alunos para os recursos que facilitam a comunicação oral, como falar olhando para os interlocutores, usar tom alto de voz e usar gestos para facilitar a compreensão do que está sendo dito.

Por outro lado, enfatiza que exemplos da vida cotidiana podem ajudar a explicar o provérbio, desde que os mesmos sejam adequados aos alunos.

A proposta didática do livro ora analisado enfatiza que se valorize alguns aspectos necessários no momento da apresentação, como por exemplo: o tom de voz, o silêncio necessário para que todos possam falar e escutar e também a linguagem utilizada nas explicações.

Assim, o mais importante durante a atividade, segundo as orientações ao professor, são os recursos que os alunos mobilizarão para a habilidade de explicar e como se comportarão ao ouvir.



Na unidade 4, a proposta do livro didático *Projeto Buriti* para o trabalho com a Comunicação Oral é expor ideias saudáveis.

De acordo com as Orientações e Subsídios ao Professor do livro didático *Projeto Buriti* (2007, p. 56) expor sobre um tema requer domínio do conteúdo, planejamento da exposição e uso de recursos da linguagem oral.

A proposta didática do livro ora analisado enfatiza que os alunos podem escolher assuntos diversos, mas para que possam se aprofundar nos conhecimentos sobre o tema escolhido é necessário que o professor ofereça textos, dicas de sites sobre o assunto, etc.

As Orientações e Subsídios ao Professor afirmam ainda que para realizar a exposição oral é importante que sejam planejadas três etapas: abertura, apresentação do conteúdo e encerramento.

A abertura é o momento em que um integrante do grupo apresentará em linhas gerais o conteúdo da apresentação. Esse momento é muito importante, porque enfatiza a proposta didática do livro, despertando o interesse de quem está ouvindo.

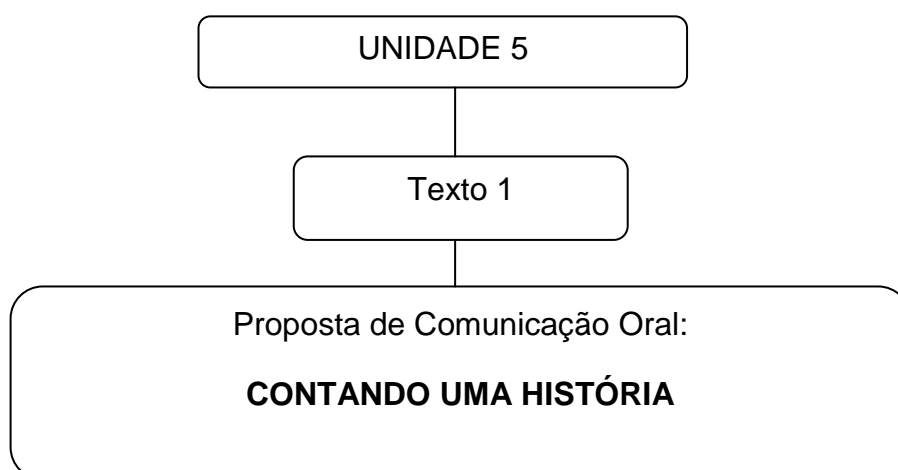
Na apresentação do conteúdo haverá a exposição em voz alta e clara, em um ritmo de fala que os colegas possam acompanhar. Contudo, será necessário, se preciso for, repetir alguma informação.

Já no encerramento, um integrante do grupo fará um fechamento expondo a ideia central do que foi apresentado.

A proposta didática sugere ainda que o professor oriente os alunos para que produzam um roteiro com as ideias principais, o que facilitará a apresentação, pois a produção de roteiros escritos contendo as ideias principais que serão expostas oralmente constitui situação de interação entre linguagem escrita e linguagem oral, e portanto é uma prática que deve ser constantemente estimulada. Além disso, o escrito funciona como um apoio para a memória, facilitando a exposição oral.

No mais, as Orientações e Subsídios ao Professor sugerem que se valorize a escolha dos temas, a pesquisa das informações e o planejamento da apresentação.

Por fim, a proposta didática sugere uma autoavaliação, onde serão enfocados três eixos: desempenho pessoal em relação ao uso da linguagem oral, trabalho em equipe, sobretudo no que se refere ao dividir e assumir responsabilidades e, finalmente, capacidade de escuta e respeito ao trabalho do outro.



Na unidade 5, a proposta do livro didático Projeto Buriti para o trabalho com a Comunicação Oral é contar, narrar uma história.

De acordo com as Orientações e Subsídios ao Professor do livro didático *Projeto Buriti* (2007, p. 65) narrar requer reproduzir oralmente uma sequência de ações vividas pelas personagens, situando-as no tempo.

A proposta didática do livro *Projeto Buriti* sugere que os alunos observem as ilustrações da história Rapunzel. Em seguida, propõe que o professor leia o início da história e finalmente pede que as crianças deem continuidade a ela, cada uma contando uma parte

As orientações ao professor do livro ora analisado enfatizam que a autoavaliação é uma boa forma de refletir sobre o desempenho em relação a aspectos fundamentais da comunicação oral. Nesse caso, tais aspectos se referem aos recursos utilizados para garantir a compreensão dos elementos da narrativa, como por exemplo: ambiente, personagens, tempo e ação.

Além disso, afirmam as Orientações e Subsídios ao Professor, é importante dar relevância para atitudes e procedimentos necessários à realização do reconto coletivamente. Para isso, pode-se questionar se houve participação na narração com interesse; se todos acompanharam os trechos contados pelos colegas, se cada um deu sequência à história utilizando os elementos apresentados. Por outro lado, pode-se indagar se foi fácil dar continuidade à história, se todos apresentaram suas ideias com clareza e também se a turma gostou da história que o grupo criou etc.



Na unidade 6, a proposta do livro didático *Projeto Buriti* para o trabalho com a Comunicação Oral é apresentar, relatar uma notícia.

De acordo com as Orientações e Subsídios ao Professor do livro didático *Projeto Buriti* (2007, p. 75) relatar requer memorizar ações humanas e reproduzi-las oralmente, situando-as no tempo.

A proposta didática do livro ora analisado recomenda que os alunos sejam organizados em duplas para pesquisar notícias e escolher uma delas para relatar no Jornal Falado. Outra possibilidade é que o professor leve para a sala de aula jornais e revistas para a pesquisa. Na hora da apresentação, as duplas podem dividir o relato, ou seja, um relata o fato principal e o outro, os detalhes curiosos.

As Orientações e Subsídios ao Professor recomendam ainda que os alunos planejem a apresentação, produzindo um texto de apoio para o discurso oral. Este texto poderá ser memorizado ou lido no dia da apresentação. Contudo, é importante que nessa leitura se considere a necessidade de interação com os ouvintes, ou seja, a importância de dirigir o olhar para eles, dos gestos faciais e corporais para despertar sua atenção.

De acordo com as Orientações e Subsídios ao professor:

A prática de linguagem oral do Jornal Falado não é o discurso oral espontâneo, e sim, planejado com o apoio da linguagem escrita. Isso ajuda os alunos inibidos a se sentirem mais seguros para enfrentar essa situação comunicativa. (PROJETO BURITI, Orientações e Subsídios ao Professor, 2007, p. 75)

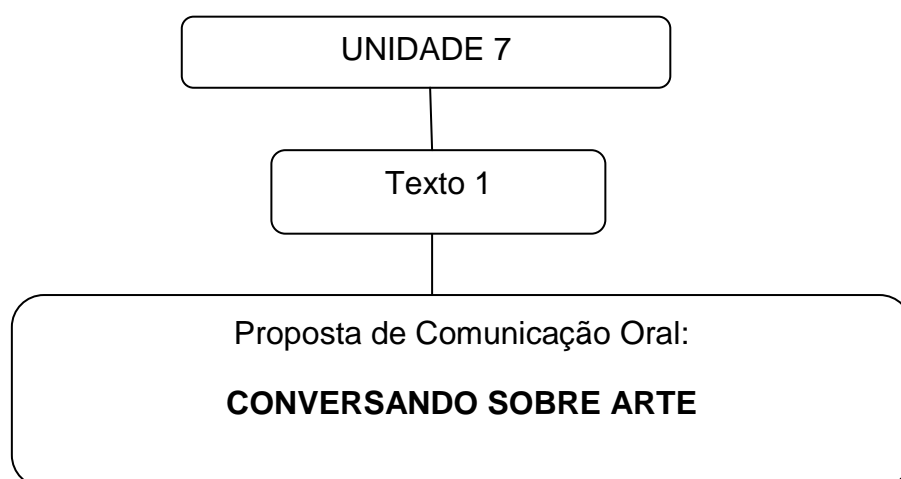
Assim, o texto escrito produzido para a apresentação serve como apoio ao relato. Nesse caso, a situação de comunicação oral é permeada pela escrita, (uma vez que haverá um texto escrito apoiando a fala), aproximando-a de um registro

mais formal. Trata-se, portanto, de uma situação em que o oral e o escrito se relacionam para a produção do relato.

Num segundo momento, afirmam as orientações ao professor, é necessário que os alunos ensaiem o relato oral, aprimorando o ritmo e o tom da voz, bem como o cuidado em direcionar o olhar para os ouvintes, além de incluir gestos faciais e corporais. Deve-se propor aos alunos assistir aos jornais veiculados no rádio e na TV para que tenham modelos de locução de notícias.

Finalmente, o livro didático propõe que seja feito o convite para os funcionários da escola assistir ao jornal falado. Este convite pode ser feito por escrito ou oralmente pelos alunos, sendo importante garantir a presença de todos.

A proposta ainda sugere que se valorize nessa atividade a pesquisa das notícias, a produção do texto de apoio, o ensaio do relato oral e o desempenho no dia da apresentação.



Na unidade 7, a proposta do livro didático *Projeto Buriti* para o trabalho com a Comunicação Oral é conversar, dialogar sobre arte.

De acordo com as Orientações e Subsídios ao Professor do livro didático *Projeto Buriti* (2007, p. 84) o diálogo argumentativo requer tomar uma posição e sustentá-la, assim como concordar ou discordar da posição de seus pares.

As orientações ao professor sugerem que o foco da conversa seja o conceito de arte e, por isso, parte de várias linguagens, como o teatro, a dança, a música, as artes plásticas e a fotografia para que os alunos possam refletir sobre o que é arte. Tais orientações pedem ainda que o professor incentive os alunos a pensar sobre

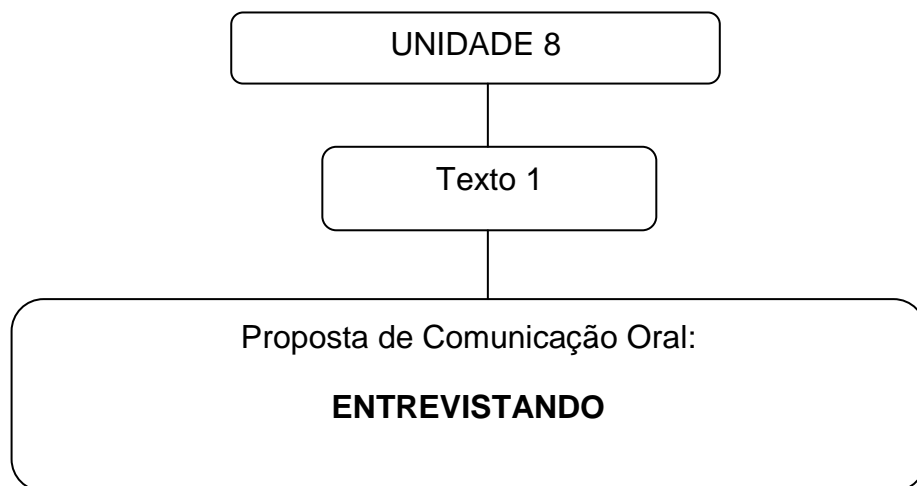
essas e outras manifestações artísticas e qual a importância delas para a humanidade.

Segundo a proposta didática da coleção, essa atividade é um diálogo espontâneo no qual a principal regra a ser cumprida por todos é esperar a vez de falar, respeitando o tempo e o espaço dos colegas. O objetivo dessa conversa não é assumir definitivamente uma ou outra posição, mas permitir que os alunos exponham suas ideias e pensem sobre o que mais desperta seu senso estético, ao mesmo tempo em que entram em contato com posições que divergem das suas, afirmam as orientações ao professor.

O professor é orientado também a incentivar os alunos a expressar suas opiniões em algum momento da conversa, além de fomentar o diálogo fazendo intervenções para que os pequenos exercitem a argumentação. Para isso, o professor poderá fazer perguntas como: Então você não concorda com o que o colega disse? Explique melhor o que disse sobre tal coisa. Vocês entenderam o que o colega acabou de dizer?

A proposta didática do livro didático *Projeto Buriti* enfatiza que o professor valorize a arte como expressão cultural, a opinião pessoal de cada um, o espaço e o tempo de cada aluno se expressar, a capacidade de o grupo se autorregular em relação ao tempo.

Com relação a autoavaliação, as orientações ao professor sugerem dois momentos: no primeiro, o aluno avalia sua própria participação na conversa; no segundo, o grupo reflete sobre o encaminhamento da conversa e seu papel na ampliação das ideias de cada um e do interesse pelo tema. Neste momento, o professor poderá fazer aos alunos perguntas como: “Surgiram ideias diferentes sobre arte?” Os diferentes pontos de vista puderam ser colocados e respeitados?” “Essa conversa despertou o interesse em conhecer mais obras de arte?”



Na unidade 8, a proposta do livro didático *Projeto Buriti* para o trabalho com a Comunicação Oral é entrevistar oralmente.

Essa proposta de comunicação oral será minuciosamente discutida em capítulo à parte, pois é a escolhida para ser aplicada na turma do 4º ano Cecília Meireles.



Na unidade 9, a proposta do livro didático *Projeto Buriti* para o trabalho com a Comunicação Oral é fazer a leitura dramatizada de um texto teatral.

De acordo com as Orientações e Subsídios ao Professor do livro didático *Projeto Buriti* (2007, p. 106) fazer leitura dramática de um texto requer entender o que está escrito e ler o texto com as nuances de comunicação sugeridas pelo autor.

Assim as orientações do livro didático *Projeto Buriti* sugerem que o professor releia com os alunos as cenas I, II e III de Romão e Julinha, texto apresentado na página 198 da coleção.

Para dar início às atividades o professor deve, segundo a proposta didática do livro, sugerir a reflexão sobre as características do texto teatral presentes no texto. É importante que os alunos percebam o texto teatral como um roteiro que contém os elementos necessários para a encenação da peça, desde as falas das personagens até as indicações cênicas, ou rubricas, que oferecem informações sobre gestos, movimentos, expressões, entonação dos atores e sobre o cenário.

Em seguida, o professor é orientado a dividir a sala em grupos de cinco alunos para treinarem a leitura da Cena IV. Cada aluno ficará responsável pela representação de uma personagem. Finalmente, depois de ensaiados, o professor deverá marcar com os alunos o dia da apresentação da leitura feita pelos grupos.

As Orientações e Subsídios ao Professor propõem que sejam valorizados o trabalho em equipe, a expressividade na leitura do texto e também a atenção dispensada às indicações cênicas dadas pelo autor.

A proposta didática do livro ora analisado enfatiza que o professor peça aos alunos que colaborem entre si na avaliação da apresentação dos grupos, incentivando-os a aproveitar as críticas dos colegas para melhorar o desempenho nas próximas leituras. Por outro lado, adverte sobre a importância de elogiar a boa atuação dos colegas durante a realização dos trabalhos. Nota-se que, nessa unidade, o trabalho com a oralidade se aproxima de uma atividade de oralização, mas que, no decorrer da atividade, faz uso de procedimentos que procuram ir além da referência exclusiva ao texto escrito.

3.6 Estrutura do desenvolvimento da prática pedagógica

Para o desenvolvimento da prática pedagógica, a atividade escolhida para ser aplicada e analisada em sala de aula foi a proposta de comunicação oral da unidade 8: “Entrevistando”.

A escolha da unidade 8 do livro didático *Projeto Buriti* para ser trabalhada com os alunos do 4º ano Cecília Meireles se deve a dois fatores: primeiramente levou-se em conta o ensino do gênero oral formal e público “entrevista”, o qual exige dos alunos uma série de conhecimentos e estratégias indispensáveis ao seu crescimento intelectual e social. Em seguida chamou a atenção o tema da unidade:

“Eu me alimento”, já que a Escola Municipal João Olyntho Ferraz faz todos os anos um trabalho de conscientização dos alunos quanto à prática de uma alimentação saudável, instituindo inclusive, mês a mês, a semana sem salgadinho, refrigerante, doces e outros alimentos considerados inadequados à prática de uma boa alimentação.

Além do exposto, de acordo com as Orientações e Subsídios ao Professor do livro didático *Projeto Buriti*:

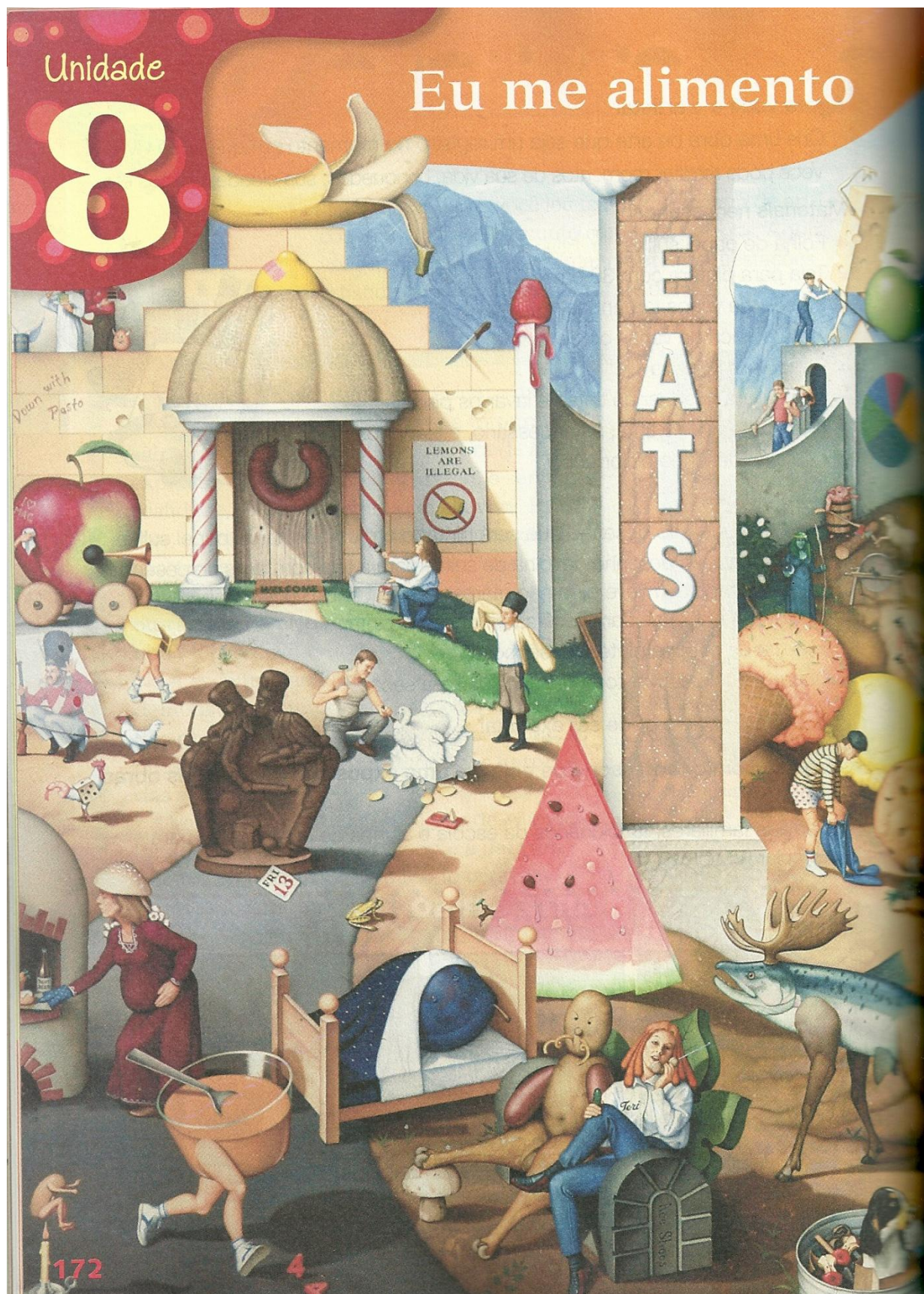
A alimentação é um tema que, pela sua relevância, deve ser discutido com os alunos. A nutrição inadequada é um obstáculo à aprendizagem. A criança malnutrida não consegue participar satisfatoriamente das atividades escolares, pois a capacidade de concentração e a apreensão de conceitos ficam comprometidas. A alimentação deficiente reduz a glicose do sangue, provocando apatia e inquietação, o que afeta o aproveitamento escolar. (PROJETO BURITI, Orientações e Subsídios ao Professor, 2007, P.92)

Assim, a abordagem sobre o tema “Alimentação” tem a intenção de fazer com que os alunos dediquem um pouco mais de atenção à função dos alimentos e sua importância para a saúde, percebendo que guloseimas tão apreciadas não têm valor nutricional e, ao contrário, contribuem para que haja sobrepeso e outros problemas de saúde, caso não sejam ingeridas com moderação.

3.6.1 Eats, comida pronta para comer

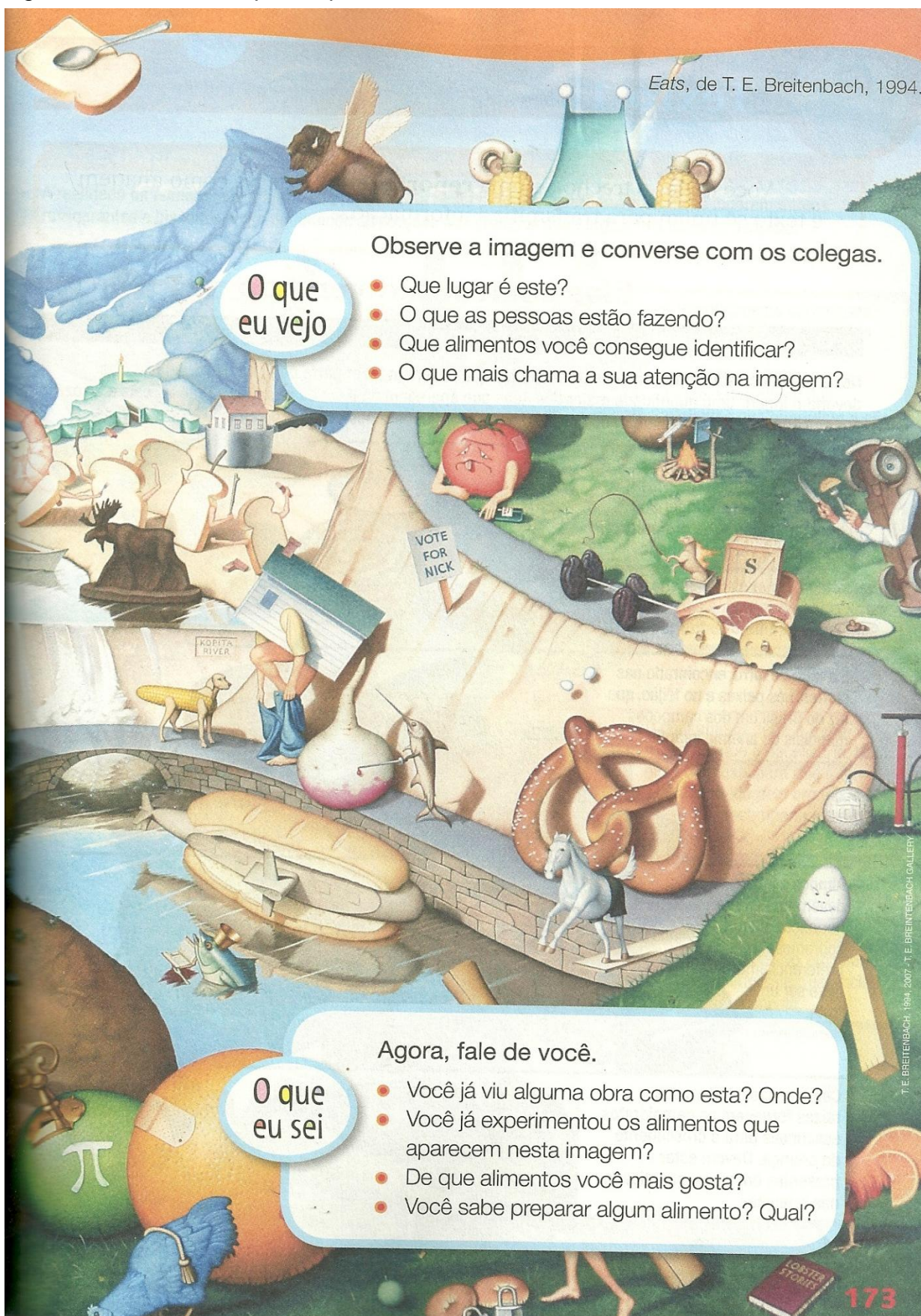
Para dar início aos trabalhos, foi necessário que os alunos tivessem um primeiro contato com o tema proposto. Sendo assim, começou-se a explorar primeiramente as páginas 172 e 173 do livro, apresentadas a seguir:

Figura 2: Eats: Comida pronta para comer.



Fonte: Projeto Buriti / Português – 4º ano / Editora Moderna

Figura 3: Eats: Comida pronta para comer.



Eats, de T. E. Breitenbach, 1994.

O que eu vejo

Observe a imagem e converse com os colegas.

- Que lugar é este?
- O que as pessoas estão fazendo?
- Que alimentos você consegue identificar?
- O que mais chama a sua atenção na imagem?

O que eu sei

Agora, fale de você.

- Você já viu alguma obra como esta? Onde?
- Você já experimentou os alimentos que aparecem nesta imagem?
- De que alimentos você mais gosta?
- Você sabe preparar algum alimento? Qual?

T. E. BREITENBACH, 1994, 2007. T. E. BREITENBACH GALLERY

Fonte: Projeto Buriti / Português – 4º ano / Editora Moderna

Convém ressaltar que as imagens acima estão dispostas no livro didático *Projeto Buriti* lado a lado, pois fazem parte de uma mesma obra: *Eats*, de T. E. Breitenbach, criada em 1994.

Tal obra é inspirada no Surrealismo – corrente artística moderna de representação do irracional e do subconsciente.

Segundo as Orientações e Subsídios ao Professor do livro didático *Projeto Buriti*:

O surrealismo foi profundamente ligado a uma filosofia de pensamento e ação, em que a liberdade era muito valorizada. Grandes artistas como Miró, Salvador Dalí e Frans Arp, seguiram esse movimento. É considerado o mais forte e controverso movimento do período entre guerras, tendo se espalhado pelo mundo inteiro e influenciado várias gerações. (PROJETO BURITI, Orientações e Subsídios ao Professor, 2007, p. 92)

Ao iniciar a aula, pediu-se aos alunos que fizessem um círculo e, em seguida, abrissem o livro didático nas páginas 172 e 173.

Por apresentar um complexo emaranhado de figuras absurdas e extravagantes, houve um incentivo do professor para que os alunos observassem a imagem atentamente. Nesse momento, além de observar a obra de arte, os alunos puderam discutir entre si a respeito da imagem, demonstrando o entendimento pessoal sobre o que foi apresentado, ora se encantando ora repudiando alguns de



.Alunos são colocados em círculo para observar e debater sobre a obra de arte *Eats*.



Alunos observam atentamente a obra de arte Eats, nas páginas 172 e 173 do livro didático Projeto Buriti.



Alunos observam a obra de arte Eats e demonstram seu entendimento pessoal sobre a imagem que lhes é apresentada.



Alunos ora se encantam ora se assustam com alguns elementos apresentados na obra de arte Eats.

Em seguida, explicou-se aos alunos que seria feito um trabalho sobre alimentação saudável, a partir da obra de arte analisada por eles naquele momento.

Inicialmente, foi proposto um debate sobre a figura em questão. Porém, para que esta etapa do trabalho fosse realizada com êxito, houve a necessidade de estabelecer algumas regras, a saber:

- a) Todos os alunos poderiam expor sua opinião, mas um de cada vez. Assim, ficou estabelecido que aquele aluno que quisesse tomar o turno da discussão deveria levantar a mão, evitando assim que todos falassem ao mesmo tempo;
- b) Saber ouvir com atenção seria essencial durante a fala do colega, pois essa atitude contribuiria fundamentalmente para o processo de entendimento sobre o tema abordado; Cada aluno deveria respeitar a opinião do outro, mesmo que fosse diferente da sua; Os alunos poderiam explicar o que entenderam do tema, dando exemplos concretos vividos por eles no dia a dia.
- c) Não deveria haver durante a atividade conversas paralelas, para que não se perdesse o foco do debate.

Após a observação atenta da obra de arte, a discussão dos alunos entre si e a combinação das regras, perguntou-se a eles o que viam na imagem, solicitando também a identificação de seres que foram misturados a outros, dando origem a novos personagens.

Várias respostas foram formuladas como: maçã com roda de carro e buzina, um copo de suco com pernas e tênis, peixe com pernas e chifres de veado, rosquinha de cavalo com asas, milho com cara e pernas de cachorro, queijo com cara de monstro, automóvel comendo com garfo e faca, entre muitas outras.

Então, indagou-se aos alunos: Na opinião de vocês, essa imagem é real ou imaginária? A resposta obtida foi a de que a imagem era fruto da imaginação porque na realidade não existiam figuras como aquelas.

Assim, explicou-se aos alunos que aquela imagem faz parte de uma obra de arte chamada *Eats*, criada pelo pintor T. E. Breitenbach em 1994. Foi dito também que tal obra é inspirada em uma corrente artística moderna chamada Surrealismo, a qual se baseia na liberdade de expressão e de pensamento. Daí, a elaboração de imagens tão diferentes e criativas.

Então, os alunos fizeram várias perguntas sobre a obra, inclusive o que significava “*Eats*”. Então foi dito que “*Eats*” é uma palavra escrita em inglês que significa “comida pronta para comer”.

Tais perguntas desencadearam uma discussão sobre as preferências alimentares dos alunos. Perguntou-se: quem gosta mais de doce e quem gosta mais de salgado? Dos alimentos apresentados na obra, quais vocês já experimentaram, quais teriam vontade de experimentar? Que tipos de alimentos são preferidos por vocês no café da manhã? E no almoço? No jantar?

Houve várias respostas, pois havia os que gostavam mais de doce e outros que preferiam salgado. Dos alimentos apresentados na obra, eles já haviam experimentado todos. Mas sobre os tipos de alimentos preferidos por eles, a resposta foi um pouco inesperada, pois exceto um que disse preferir sorvete, os demais demonstraram sua preferência pelas frutas mostradas na obra: maçã, melancia, morango e banana. Contudo, percebeu-se que os alunos demonstraram essa preferência pelo trabalho que vinha sendo realizado na escola em favor da escolha de uma alimentação saudável.

Demonstrada a preferência das crianças por frutas, a discussão foi conduzida para outros tipos de alimentos importantes para nossa sobrevivência, como: verduras, legumes, carne, leite, ovos etc. Ao mesmo tempo, questionou-se a prática de uma alimentação inadequada, como por exemplo, consumo excessivo de doces, salgadinhos, refrigerantes, etc. Outro assunto debatido foi a prática de atividades físicas e a importância do lazer para que se tenha uma vida saudável.

Durante a realização do debate, os alunos respeitaram bem as regras, demonstrando saber argumentar, respeitando sua vez de falar, por vezes escutando e outras tomando posição frente ao discurso do colega.

Às vezes, um ou outro aluno repetia o que alguém já havia dito; então, o professor, como mediador, conduzia a discussão no sentido de acrescentar novas ideias ao assunto.

Assim, os diferentes pontos de vista puderam ser apresentados e discutidos através de uma atividade simples, onde foi estabelecido um diálogo no qual a principal regra a ser cumprida por todos era esperar a vez de falar, respeitando o tempo e o espaço dos colegas e valorizando a opinião pessoal de cada um.

3.6.2 Elas comem tudo errado

Para que os alunos se aprofundassem no tema: *Eu me alimento*, achou-se por bem trabalhar o texto 1, exibido nas páginas 174 e 175 do livro didático *Projeto Buriti*, nas quais são propostas às crianças que leiam um trecho da reportagem: Elas comem tudo errado.

Em seguida, pediu-se aos alunos que observassem como texto e imagem se unem para articular as informações.

Vejamos:

Figura 4: O que a garotada deveria consumir

Ler para se informar

Texto 1

Você irá ler o trecho de uma **reportagem**. Observe como imagem e texto se unem para transmitir a informação.

Elas comem tudo errado

O que a garotada deveria consumir...

Nesta pirâmide estão representados os alimentos que deveriam fazer parte da dieta das crianças. Elas deveriam ingerir uma quantidade maior dos itens que aparecem na base da pirâmide, como cereais e arroz. E precisariam diminuir a quantidade dos produtos que aparecem nos andares de cima.

Toda criança gosta de doces e frituras. E é errado proibi-los. Mas eles devem ser ingeridos com moderação e, de preferência, apenas uma vez por semana.

É a falta de ferro, encontrado nas carnes, nos peixes e no feijão, que faz do Brasil um dos campeões mundiais de anemia infantil.

Almoço e jantar devem ter sempre hortaliças, suco e sobremesa, que, preferencialmente, deve ser uma fruta.

Cereais, pães, tubérculos e raízes fornecem os carboidratos essenciais para o crescimento da criança. Devem estar presentes em maior quantidade nas refeições.

174

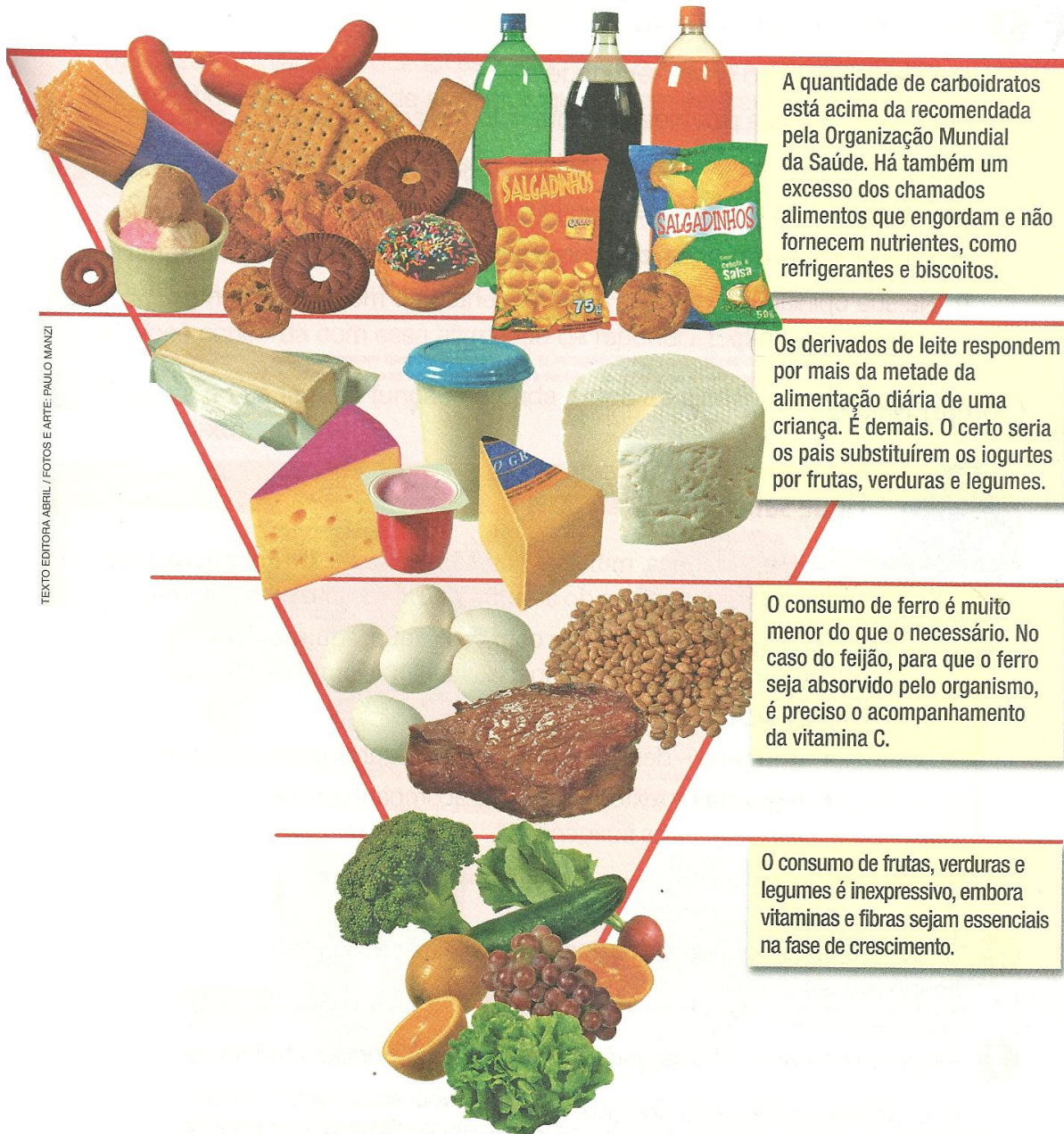
TEXTO EDITORA ABRIL / FOTOS E ARTE: PAULO MANZI

Fonte: Projeto Buriti / Português – 4º ano / Editora Moderna

Figura 5: O que a garotada realmente consome

... e o que realmente consome

A realidade da alimentação infantil está reproduzida nesta pirâmide invertida. As crianças ingerem muitos refrigerantes e biscoitos e vão diminuindo as porções dos produtos que surgem nos andares de baixo.



Fontes: Faculdade de Saúde Pública da USP e Ministério da Saúde.
Karla Monteiro. Revista *Veja*, 19 maio 1999.

Segundo as Orientações e Subsídios ao Professor do livro didático *Projeto Buriti* (2007, p.92) a utilização de tabelas, gráficos, fotografias e a conciliação da imagem e texto favorecem o entendimento das informações veiculadas por jornais e revistas, pois os detalhes visuais estimulam a percepção do leitor.

Segundo o mesmo livro, a reportagem é um gênero jornalístico caracterizado pela abordagem aprofundada dos fatos. Com base em uma pauta que contém boas informações, o foco a ser trabalhado e as fontes a ser entrevistadas, o repórter constrói a matéria, formulando questões que levem o entrevistado a fornecer informações novas e importantes. Assim, uma boa e ampla reportagem envolve investigação, seleção de fontes, leitura de documentos e entrevistas com os envolvidos no fato.

E para criar essa reportagem, a jornalista Karla Monteiro, da Revista Veja lançou mão da infografia. De acordo com as Orientações e Subsídios ao Professor do Livro Didático *Projeto Buriti*:

Infografia ou infográfico são representações visuais de informações. Esses gráficos são usados quando a informação precisa ser explicada de forma mais dinâmica, como em mapas, jornais e manuais técnicos, educativos ou científicos.

É um recurso gráfico complexo que se vale da combinação de fotografia, desenho e texto. (PROJETO BURITI, Orientações e Subsídios ao Professor, 2007, p.93)

Após a observação atenta das pirâmides apresentados, deu-se início às atividades de compreensão. Essa atividade é importante, segundo as Orientações e Subsídios ao Professor do Livro Didático *Projeto Buriti* (2007, p.93) para avaliar se os alunos compreenderam as informações transmitidas por meio da imagem e do texto.

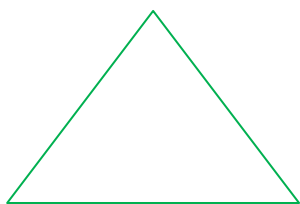
Então, iniciaram-se as perguntas sobre o tema alimentação, as quais deram abertura a um debate:

a- Qual o assunto dessa reportagem?

Resposta das crianças: “O assunto é a alimentação”; “É sobre o tipo de comida que as crianças comem”; “É sobre a alimentação boa e ruim das crianças”, entre outras.

Ao apresentar as duas pirâmides aos alunos, explicou-se a eles que as pirâmides alimentares estão dispostas em dois triângulos e que:

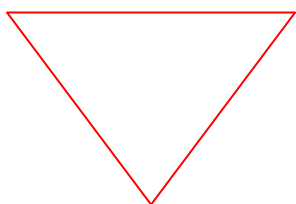
O primeiro triângulo está nesta posição:



No topo estão os alimentos que devem ser consumidos com moderação.

Na base estão os alimentos que devem ser consumidos em maior quantidade.

O segundo triângulo está na posição invertida:



E perguntou-se a eles:

b-Na opinião de vocês, qual o motivo da inversão?

Resposta dos alunos: “Para mostrar o jeito errado de comer”, “Para dizer os alimentos errados que as crianças comem”, etc.

c-O primeiro triângulo está pintado de verde; o segundo, de vermelho. Na opinião de vocês, porque foram utilizadas essas cores para representar os dois triângulos?

Antes de pedir que respondessem, pediu-se às crianças que se lembrassem dos semáforos no trânsito.

Respostas das crianças: O primeiro triângulo está pintado de verde porque quer dizer alguma coisa que a gente pode fazer; o segundo está pintado de vermelho porque quer dizer uma coisa que a gente não pode fazer.

d-Então, o que a primeira pirâmide alimentar informa aos leitores? E a segunda?

Resposta das crianças: “A primeira é sobre o que as crianças podem e devem comer”; “A primeira é sobre alimentos saudáveis”; “A segunda pirâmide é sobre alimentação errada”; “A segunda é sobre o que as crianças comem e que faz mal”, entre outras.

e-Que alimentos as crianças deveriam consumir em maior quantidade?

Respostas das crianças: “Frutas”, “Verduras”, “Legumes”, “Arroz”, “Feijão”, “Carne”, “Leite”, etc.

f-Que alimentos as crianças deveriam consumir em menor quantidade?

Respostas das crianças: “Refrigerante”, “Salgadinho”, “Chocolate”, “Sorvete” etc.

g-Vocês já tinham visto pirâmides como essas?

Respostas das crianças: “Sim”, “Não”.

h-Na opinião de vocês, as imagens ajudam a entender melhor o assunto da reportagem? Por quê?

Respostas das crianças: “Ajudam sim, olhando as imagens a gente consegue entender melhor o que está escrito”.

i-Vamos conversar agora sobre como vocês se alimentam.

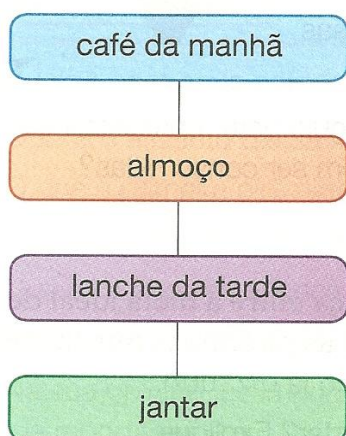
Digam para a professora e também para os amiguinhos os alimentos que vocês geralmente consomem em cada uma das principais refeições. Para isso vejam o esquema que está no livro didático *Projeto Buriti*, na página 178.

Figura 6: Como você se alimenta?

Para compreender o texto

8 Como você se alimenta?

- Escreva no caderno uma lista com o nome dos alimentos que você geralmente consome em cada uma das principais refeições.



Fonte: Projeto Buriti / Português – 4º ano / Editora Moderna

Uma a uma as crianças relataram os alimentos consumidos por elas em cada uma das principais refeições do seu dia a dia. Em seguida, deu-se início a um debate sobre essa temática, como veremos:

Solicitou-se aos alunos que comparassem a sua alimentação e a dos colegas com a pirâmide da página 174. Em seguida, iniciaram-se as perguntas:

Você e seus colegas de classe têm bons hábitos alimentares? Justifique.



Professora pergunta aos alunos se eles têm bons hábitos alimentares e pede que justifiquem suas respostas

O que está certo em suas refeições?



Professora pergunta aos alunos o que eles consideram estar certo em suas refeições.

O que está errado em suas refeições?



Professora pergunta aos alunos o que eles consideram estar errado em suas refeições

O que precisa ser melhorado? Por quê?



Professora pergunta aos alunos o que precisa ser melhorado em suas refeições e o porquê.

Em sua família, as pessoas têm uma alimentação saudável?



Professora pergunta se na família dos alunos todos têm uma alimentação saudável.

3.6.3 Perigos da obesidade

Para finalizar o debate sobre o tema alimentação, foi proposto aos alunos o estudo do texto 2 da página 184 do livro *Projeto Buriti*, que fala sobre os perigos da obesidade.

Vejamos:

Figura 7: Os perigos da obesidade

Ler para aprender

Texto 2

Você vai ler um **texto expositivo**. Ele explica as causas e as consequências de um problema que vem preocupando as autoridades mundiais da saúde.

Os perigos da obesidade

Em todo o mundo, os casos de obesidade em crianças e adolescentes aumentaram de forma preocupante.

Observe no gráfico o número de adolescentes de 10 a 19 anos obesos no Brasil, em 2002 e 2003.

Algumas causas da obesidade são:

- **Hábitos alimentares pouco saudáveis**, como consumo exagerado de alimentos gordurosos, biscoitos, refrigerantes e refeições prontas e rápidas, incluindo as refeições feitas em praças de alimentação.
- **Vida sedentária** pela falta de atividades físicas e muitas horas assistindo à TV e jogando *videogame*.
- **Hereditariedade**, ou seja, casos de obesidade na família, principalmente se forem pai e mãe.

A obesidade não é apenas um problema estético, que incomoda por causa da zombaria dos colegas. Ela pode provocar sérias consequências para a saúde, tais como: diabetes, problemas cardíacos (até mesmo em crianças!), má-formação do esqueleto, pé chato e pressão alta.

Portanto, é melhor prevenir! Corrija seus hábitos alimentares e faça exercícios físicos.

Fontes: Fundação Oswaldo Cruz e Sociedade Brasileira de Pediatria.

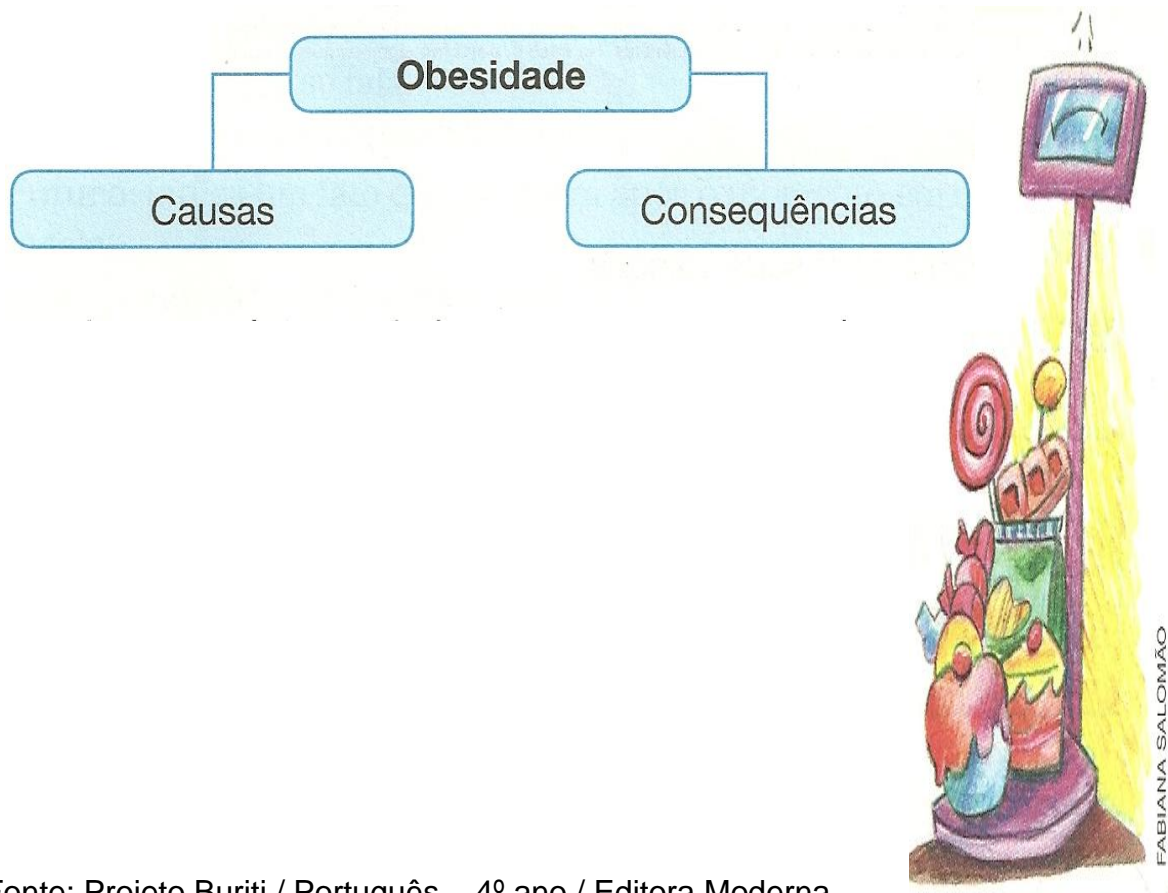
Faixa Etária	2002	2003
10 a 11 anos	236.449	263.169
12 a 14 anos	160.260	108.774

Ao estudar o texto 2, chamou-se a atenção dos alunos para a apresentação do tema perigos da obesidade, cujo desenvolvimento se estrutura de modo conciso, claro e objetivo.

De acordo com as Orientações e Subsídios ao Professor do livro didático *Projeto Buriti* (2007, p.95) trata-se de tema relevante e, atualmente, um dos mais preocupantes em saúde pública. Valores crescentes nos últimos 30 anos fizeram soar o alarme do desajuste de hábitos de vida de crianças e adolescentes.

Como atividade, os alunos fizeram no caderno o esquema abaixo, que consta na página 185 do livro didático *Projeto Buriti*, completando-o:

Figura 8: Atividade sobre causas e conseqüências da obesidade



Fonte: Projeto Buriti / Português – 4º ano / Editora Moderna

Como causas da obesidade os alunos citaram: hábitos alimentares pouco saudáveis, vida sedentária, hereditariedade, falta de exercícios físicos. Como conseqüências foram citados: diabetes, problemas cardíacos, má formação do esqueleto, pé chato, pressão alta. Convém ressaltar que as respostas acima foram dadas pelos alunos com orientação do professor.

3.6.4 Entrevista – Entrando em Contato. Orientações do livro didático *Projeto Buriti* para a realização da entrevista como atividade de comunicação oral formal e pública

Após os vários estudos para aprofundamento sobre o tema *Eu me alimento*, foi proposto aos alunos que realizassem a atividade de comunicação oral presente na página 183 do livro didático *Projeto Buriti*, a saber:

Figura 9: Atividade de comunicação oral: Entrevistando

Para falar e escrever melhor

Comunicação oral **Entrevistando**

1 Leia com atenção este texto.

Por que atualmente existe uma preocupação tão grande com a massa corporal?

A *obesidade* é uma enfermidade caracterizada pelo acúmulo excessivo de gordura corporal, associada a problemas de saúde.

Reduzir a quantidade de gordura e aumentar a massa muscular é o desejo de quem frequenta academias de ginástica. Essa preocupação não deveria ser uma questão de estética, mas principalmente de qualidade de vida, uma vez que a obesidade está associada a um grande número de doenças.

Leia o esclarecimento sobre o termo **massa corporal** em *Orientações e subsídios ao professor*.

2 O que você pensa sobre isso?

a) Você se preocupa com a sua massa corporal? Na sua família há pessoas que fazem dieta ou têm problemas causados pela obesidade?


b) Você já ouviu falar em bulimia e anorexia?
Veja informações em *Orientações e subsídios ao professor*.

3 O que outras pessoas pensam a respeito desse assunto?

a) Com um colega, escolha duas pessoas para ser entrevistadas. Podem ser familiares, funcionários da escola ou outras crianças.

b) Antes de realizar as entrevistas, decidam que perguntas serão feitas aos entrevistados.

c) Ao terminar as entrevistas, contem aos outros colegas o que os entrevistados pensam sobre o assunto.



FABIANA SLOMIO

Autoavaliação

1. Contribuí para a elaboração das perguntas?
2. Fiz as anotações sobre a entrevista com organização?
3. Fiz outras perguntas para aprofundar ou entender a resposta dos entrevistados?
4. Tive atitudes de cortesia no início e no final das entrevistas?
5. Compartilhei com os colegas as informações obtidas nas entrevistas?

Fonte: Projeto Buriti / Português – 4º ano / Editora Moderna

Porém, antes que se partisse para a realização da entrevista, o livro didático *Projeto Buriti*, em suas Orientações e Subsídios ao Professor trouxe esclarecimentos sobre alguns termos recorrentes quando se trata da obesidade:

A anorexia é muito mais frequente em adolescentes do sexo feminino do que do sexo masculino. As pessoas anoréxicas se sentem sem liberdade, controladas pela família, mesmo que não o sejam. A obsessão pela massa corporal que elas consideram ideal acaba se transformando em doença. A bulimia pode ser independente ou fazer parte da evolução da anorexia. As pessoas bulímicas ingerem grandes quantidades de alimentos, principalmente doces e depois provocam o vômito ou abusam de laxantes e diuréticos para que possam eliminar os alimentos ingeridos. Ao contrário das pessoas anoréxicas, a pessoa bulímica tem comportamento social ativo e profissionalmente atuante. (PROJETO BURITI, Orientações e Subsídios ao Professor, 2007, ps.94 e 95)

Ao mesmo tempo afirma que:

Pacientes obesos apresentam limitações de movimento, sobrecarregam a coluna, quadril, joelhos e tornozelos, são afetados por infecções de pele, entre outros males provenientes do excesso de gordura. A prevenção baseia-se em uma dieta saudável incentivada desde a infância. Incluem-se nesta dieta a atividade física, o lazer, os relacionamentos afetivos e uma estrutura familiar organizada. (PROJETO BURITI, Orientações e Subsídios ao Professor, 2007, p.94)

Diante do exposto, constata-se que o livro didático *Projeto Buriti* em suas Orientações e Subsídios esclarece ao professor de forma simples e objetiva alguns conceitos, explicações e exemplos sobre os termos bulimia, anorexia e obesidade, o que é excelente, pois, do contrário, o professor teria que pesquisar sobre o assunto em outras fontes, sob pena de não obter êxito ao mediar as atividades propostas.

Por outro lado, pensa-se que o professor deve ser dinâmico, ou seja, não ficar apenas na explicação sobre o assunto abordado a partir das orientações presentes no livro didático. Dessa forma, para que os alunos possam se aprofundar nos conhecimentos sobre o tema é necessário que o professor lhes ofereça diversidade de textos, dicas de sites sobre o assunto, além de propor que assistam a entrevistas em programas de televisão, internet etc.

Sobre o gênero oral entrevista, as Orientações e Subsídios ao Professor do livro didático *Projeto Buriti* (2007, p. 94) afirmam que entrevistar oralmente requer saber perguntar, ouvir, comentar e fazer anotações. Dessa forma, sugerem que o professor:

Oriente os alunos a elaborar perguntas sobre hábitos alimentares, massa corporal ideal, atividade física.

Oriente os alunos sobre os procedimentos para realizar as entrevistas:

Ao começar é necessário explicar o motivo e o assunto da entrevista e perguntar se a pessoa poderia responder às perguntas.

Ao final, é importante agradecer a disponibilidade do entrevistado e pedir alguns dados que caracterizem o entrevistado, como idade, formação, profissão.

Durante a entrevista é fundamental ouvir com atenção a resposta e anotar as ideias principais. Depois ler o que escreveu para o entrevistado para confirmar se entendeu bem o que foi dito.

As anotações durante a entrevista são um recurso para permitir ao entrevistador recuperar aquilo que foi dito pelo entrevistado após a entrevista. Novamente estamos diante de uma situação de comunicação oral em que a linguagem escrita tem um papel fundamental, permitindo que a fala do entrevistado seja recuperada de maneira mais fiel. (PROJETO BURITI, Orientações e Subsídios ao Professor, 2007, p. 95)

Averiguando a proposta do livro didático *Projeto Buriti*, comprova-se sua pertinência em relação às orientações dadas ao professor, visto que tratam de elementos indispensáveis à boa atuação do aluno no momento da entrevista. Assim, confirma-se que as Orientações e Subsídios do livro didático *Projeto Buriti* ajudam o professor a encontrar o caminho mais simples para ensinar os alunos quais as características e funções de uma entrevista, como adequar a fala e utilizar recursos próprios a essa situação de comunicação oral, praticando o discurso num momento de interlocução considerado mais formal e que exige certo planejamento prévio, diferentemente da conversação.

Por outro lado, as Orientações e Subsídios ao Professor do livro didático *Projeto Buriti* propõe que o professor incentive os alunos a valorizar a entrevista como recurso para obter informações sobre diferentes assuntos. Além disso, recomendam que os pequenos utilizem formas de cortesia para falar com os entrevistados, respeitando sempre a diversidade de opiniões e, ao final, sugerem uma autoavaliação, a qual precisa ser explicada para os alunos antes que realizem a entrevista, pois ela define os aspectos mais importantes do trabalho.

Sendo assim, a proposta didática do livro *Projeto Buriti* afirma ser necessário que o aluno se questione sobre alguns aspectos, como por exemplo: “Contribuí para a elaboração das perguntas?”, “Fiz anotações sobre a entrevista com organização?”, “Fiz outras perguntas para aprofundar ou entender a resposta do entrevistado?”, “Tive atitudes de cortesia no início e ao final das entrevistas”? , “Compartilhei com alguém as informações obtidas durante a atividade?”.

Diante do exposto, verifica-se que o fundamental deste momento de autoavaliação é estimular a autocrítica porque ela contribui para a autorregulação do processo de aprendizagem.

Assim, conclui-se que a reflexão sobre o próprio desempenho é um meio eficiente para o aluno aprender a identificar e corrigir seus erros e adaptar as suas estratégias diante de um desafio comunicativo presente em uma entrevista. Além disso, é uma medida interessante tanto para o estudante tomar consciência de seu percurso de aprendizagem e se responsabilizar pelo empenho em avançar, como para ajudar o professor a planejar intervenções mais pontuais em sala aula.

3.6.5 Elaborando perguntas e definindo papéis para a realização da entrevista

Depois de discutir e debater com os alunos os vários conhecimentos sobre hábitos saudáveis para uma alimentação adequada, prática de atividades físicas, massa corporal ideal, a importância do lazer para a saúde, os perigos da obesidade, entre outros, observou-se que esses alunos já tinham condições de partir para a elaboração e aplicação da entrevista propriamente dita.

A partir das informações obtidas sobre o tema em estudo, a entrevista se concretizou como a melhor forma de obter novas informações e aprofundar o conhecimento adquirido. Nesse sentido, a primeira atividade foi a de compartilhar com as crianças o objetivo ou o “para quê” da entrevista.

Assim, explicou-se aos alunos que a entrevista seria realizada com o objetivo de que participassem de uma situação de comunicação oral formal, no intuito de adequar sua fala à situação formal de entrevista, levando em conta a situação, o contexto e a proposta. Do mesmo modo, os pequenos deveriam aprender algumas características e funções de uma entrevista.

Por outro lado, a atividade seria realizada com o propósito de que os alunos dedicassem mais atenção a seus hábitos alimentares, à função dos alimentos e sua importância para a saúde. Além disso, os alunos teriam maiores esclarecimentos sobre outros hábitos de vida saudável como, por exemplo, o equilíbrio de sua massa corporal e prática de atividades físicas.

Finalmente, foi dito aos alunos que após a realização da entrevista, a mesma seria transformada por eles em uma notícia, a qual faria parte de um informativo que circularia no dia 13 de julho de 2012, durante a finalização do

Projeto de Língua Portuguesa, projeto este realizado todos os anos em todas as escolas do município de Congonhas.

O tema escolhido para ser trabalhado com os alunos do 4º ano Cecília Meireles para o Projeto Anual de Língua Portuguesa neste ano de 2012 foi Jornal com enfoque em Notícias, daí a transformação da entrevista em uma notícia para ser veiculada no Informativo que circularia durante a finalização do Projeto.

Definidos os objetivos da entrevista, o primeiro passo seria escolher os entrevistados, para que as perguntas fossem elaboradas de forma pertinente.

Mas, embora as orientações do livro didático recomendassem que a atividade fosse feita em duplas e que cada dupla escolheria duas pessoas para serem entrevistadas, optou-se por escolher apenas um entrevistado e que o trabalho fosse feito coletivamente, envolvendo todos os alunos da turma.

O motivo dessa decisão se deve ao fato de que fazendo a entrevista coletivamente com um só entrevistado, o professor poderia acompanhar melhor todo trabalho e, assim, ter a certeza de que todas as crianças estariam envolvidas no processo. Pensou-se em um conjunto sequencial e coletivo de ações com um objetivo comum que seria ensinar aos alunos como realizar uma entrevista.

Professor e alunos pensaram, então, em uma pessoa que tivesse bastante familiaridade com o tema em estudo e ficou resolvido que a entrevista seria realizada com a nutricionista da escola.

O primeiro procedimento foi pedir à diretora da Escola Municipal “João Olyntho Ferraz” que entrasse em contato com a nutricionista responsável pela escola e verificasse a sua disponibilidade para a realização da entrevista.

O contato foi feito e a entrevista marcada para o dia 04 de abril deste ano de 2012. Confirmada a presença da entrevistada, partiu-se primeiramente para a formulação das perguntas que seriam feitas durante a entrevista.

Com base nas atividades realizadas em sala de aula, nas discussões e debates e também no material estudado, ou seja, obras de arte, textos e infográficos, solicitou-se a cada um dos dezessete alunos, mediados pelo professor, que formulassem duas perguntas relacionadas ao tema em estudo.

Formuladas as questões, pediu-se aos alunos que se reunissem em grupos de três e que cada grupo escolhesse três questões para serem submetidas à apreciação da turma.

. Em seguida, construiu-se coletivamente o seguinte roteiro de perguntas para a entrevista:

ENTREVISTA

- 1- Qual o seu nome?
- 2- Qual a sua formação?
- 3- Qual a sua profissão?
- 4- Quais alimentos devemos comer para ter uma vida mais saudável?
- 5- O que é mais saudável nas frutas? A casca ou a polpa?
- 6- Que tipos de alimentos são prejudiciais à saúde e, portanto, as pessoas deveriam consumir em menor quantidade?
- 7- Quais as conseqüências de uma má alimentação?
- 8- A alimentação inadequada é um obstáculo à aprendizagem? Por quê?
- 9- Por que atualmente existe uma preocupação tão grande das pessoas com relação a sua massa corporal?
- 10- Como saber qual a massa corporal adequada a cada pessoa?
- 11- A obesidade é perigosa? Por quê?
- 12- Comer frutas, legumes e verduras e fazer atividade física emagrece?
- 13- Na sua opinião, o que é preciso fazer para prevenir a obesidade e ter uma vida mais saudável?

Finalmente, cada aluno poderia fazer perguntas livremente, se assim desejasse.

Após ter o roteiro pronto, foi necessário definir quantos e quem seriam os entrevistadores. Essa tarefa foi um pouco complicada, visto que a turma inteira queria exercer esse papel. No entanto, foram escolhidos dois entrevistadores, sendo que o critério utilizado foi a escolha de alunos que conseguissem ler fluentemente, com boa entonação, pronunciassem as palavras sem dificuldade e lessem as frases com ritmo adequado à situação de entrevista, para que esse gênero fosse realizado de forma organizada e tivesse o ritmo mantido. Contudo, foi explicado aos demais alunos que todos poderiam fazer perguntas, caso desejassem, ao final da entrevista.

Mas, a escolha não terminou por aí. Faltava explicar aos alunos que para a entrevista ser bem sucedida, precisávamos de pessoas que exercessem diferentes funções, dentre elas: ter atitudes de cortesia no início da entrevista, explicar para o

entrevistado o motivo e o assunto da entrevista, ouvir com atenção e fazer anotações sobre a entrevista com organização e depois ler para o entrevistado o que foi escrito confirmando o que foi dito, fazer outras perguntas (que não estivessem no roteiro) para aprofundar ou entender a resposta do entrevistado e finalmente agradecer a sua disponibilidade para participar do evento.

Assim, foram definidos os diversos papéis a serem exercidos durante a entrevista, cabendo ao professor orientar sobre cada uma delas a todos os alunos, principalmente àqueles que as assumiram. Cabe ressaltar que novamente esta tarefa foi muito difícil, devido ao grande desejo de toda a turma em participar ativamente das atividades.

Após o roteiro pronto e definidos os papéis de cada um, houve um ensaio com os alunos. Chamou-se uma funcionária da escola e foi promovida uma simulação na qual essa funcionária seria a nutricionista entrevistada e os alunos, assumindo cada qual o seu papel, seriam os entrevistadores. Nessa simulação foram criadas situações possíveis de serem vividas numa entrevista para ver como os alunos se saíam, tais como: resposta das questões somente com as palavras 'sim' e 'não' sem dar maiores explicações; desvio do assunto perguntado, de forma que eles tinham que ajustar as perguntas previstas no roteiro, recepção da entrevistada, despedida, etc.

Convém ressaltar que a organização da sala de aula, lugar escolhido para que a entrevista fosse realizada, foi organizada tal e qual seria feito no dia da "verdadeira" entrevista.

Logo abaixo, pode-se perceber a organização da sala de aula, realizada pelos alunos e a professora:



Sala de aula organizada como se fosse o verdadeiro dia da entrevista. Os alunos estão dispostos em semicírculo para melhor interação entre eles e a “entrevistada”



Aqui estão os entrevistadores, mas a aluna que aparece na foto não é a entrevistadora oficial. Ela está aí porque o aluno que irá realizar a entrevista havia faltado no dia.



Aqui está a aluna encarregada de receber a “entrevistada”



Entrevistadores fazem as perguntas



“Entrevistada” responde as perguntas para toda a turma.



Aluna se despede da “entrevistada” agradecendo pela entrevista.

Depois da simulação, houve a análise da forma como ocorreu a “entrevista”, apontando os erros cometidos como: tom de voz muito baixo dos entrevistadores a ponto de a entrevistada não entender as perguntas; algumas vezes os entrevistadores começaram a falar simultaneamente, novamente dificultando a compreensão das perguntas; verificou-se que havia muitas perguntas o que poderia tornar-se cansativo e cogitou-se uma redução na quantidade, mas depois foi decidido que todas eram importantes e, por isso, deveriam ser mantidas.

Corrigidas as falhas, estavam todos prontos para o dia da verdadeira entrevista.

3.7 Atividade Interventiva: Entrevista – Gênero Oral Formal e Público

Em 4 de abril de 2012, dia marcado para a entrevista, professora e alunos organizaram a sala de aula para receber a entrevistada. Porém, quando tudo estava pronto, a diretora avisou que devido a um imprevisto, a nutricionista da escola não poderia comparecer ao compromisso, ficando combinado que seria marcada outra data para a realização da entrevista. Contudo, tal data não foi marcada, pois perdeu-se completamente o contato com a profissional em questão.

Em face desse acontecimento, cogitou-se pedir à nutricionista do PSF (Programa de Saúde da Família) do bairro Jardim Profeta, em Congonhas, onde fica localizada a Escola Municipal João Olyntho Ferraz, que concedesse a entrevista.

Vários contatos foram feitos, porém a realização da entrevista ficou só na promessa. Outra vez a nutricionista do PSF ficou de entrar em contato e marcar a data, o que não aconteceu.

Então, conversando com a pedagoga da escola, soube-se que a filha de uma das professoras do turno da manhã estava cursando o sétimo período do curso de nutrição. Assim, foi pedido a essa professora que conversasse com a filha para ver a possibilidade de realização da entrevista. Só assim pôde-se marcar a data para a realização da entrevista.

No dia 18 de maio de 2012, sexta-feira, professora e alunos organizaram a sala de aula, assim como haviam feito no dia do ensaio. Antes que terminassem a organização do ambiente, a estudante do 7º período de nutrição de nome Areli

compareceu à escola exatamente na hora combinada para a realização da entrevista.



Sala organizada para a realização da entrevista.



Os alunos ficaram sentados em semicírculo para melhor interagir com a entrevistada.

Contudo, antes de começar as atividades, verificou-se se todos os alunos estavam cientes de suas funções e se possuíam os instrumentos necessários para a realização do trabalho, como: roteiro da entrevista, lápis e papel para anotar as respostas, além de máquina fotográfica para registrar o acontecimento.

Assim tomaram suas posições Flavilmar e Gabriel que seriam os entrevistadores, Larissa que ficou responsável por recepcionar a entrevistada e Ana que iria se despedir da nutricionista e agradecer pela entrevista.

Os demais alunos da turma ficaram responsáveis por fazer a transcrição das respostas durante a realização da entrevista, ficando definido que cada aluno seria responsável por anotar a resposta de uma questão apenas e, portanto, todas as respostas deveriam ser anotadas da forma mais fiel possível, de acordo com as respostas da entrevistada, já que a entrevista não seria gravada.

Ficou acertado também entre o grupo que no momento da entrevista a professora poderia fazer perguntas não previstas no roteiro ou sinalizar para os entrevistadores, caso ocorresse repetição de alguma das perguntas, por exemplo.

Contudo, essa atitude deveria ser tomada com cautela sendo apenas uma intervenção pontual e a entrevista fosse efetivamente realizada pelos alunos.

Estando tudo organizado de acordo com o previsto, deu-se início à realização da entrevista.



Como no ensaio, uma aluna da classe recepcionou a chegada da entrevista, dizendo: “Bom dia! Meu nome é Larissa e sou aluna do 4º ano Cecília Meireles. Gostaria de dizer que estamos muito felizes com sua presença. Seja bem vinda!”



Em seguida a entrevistada pendurou no quadro um banner da Turma da Mônica sobre Educação Nutricional e apresentou-se aos alunos. Ao lado da entrevistada estão os dois entrevistadores da turma: Flavilmar e Gabriel.



Areli explica brevemente sobre as pirâmides alimentares, conteúdo do banner.

Assim, após a apresentação e antes de iniciar as atividades de entrevista, Areli explicou brevemente sobre o conteúdo do banner, o qual trazia uma pirâmide alimentar. Através dela, explicou quais alimentos deveriam estar na base de nossa alimentação, por serem mais saudáveis. Por outro lado, explicou a nutricionista, os alimentos que estão no topo deveriam ser consumidos com moderação, pois ingeridos em grande quantidade trazem prejuízos à saúde.

Em seguida, iniciou-se a atividade de entrevista.

A primeira pergunta foi:

1-Qual o seu nome?

Resposta: Meu nome é Areli.

2-Qual a sua formação?

Resposta: Sou estudante do sétimo período do Curso de Nutrição na Fasar, Colégio e Faculdade Santa Rita, em Conselheiro Lafaiete.

3-Qual a sua profissão?

Resposta: Atualmente estou atuando como estagiária em nutrição na empresa Ferrous Resources do Brasil S.A., no município de Congonhas.

Até aqui, os entrevistadores procuraram saber sobre o lado pessoal da entrevistada, sendo as perguntas feitas uma a uma, alternadamente. Assim que um dos entrevistadores percebia que a entrevistada havia acabado de responder uma pergunta, o outro iniciava a próxima.

Em seguida, partiu-se para o lado mais profissional da entrevistada, sendo realizadas as seguintes perguntas:

4-Quais alimentos devemos comer para ter uma vida mais saudável?

Resposta: Legumes, verduras, frutas, integrais e cereais são os alimentos mais saudáveis. A carne vermelha magra, frango e peixe feitos de forma grelhada, assada ou ensopada também são muito ricos em nutrientes, mas devem ser consumidos alternadamente. Outros alimentos essenciais são o arroz e o feijão, mas estes também devem ser ingeridos de forma balanceada.

5-O que é mais saudável nas frutas? A casca ou a polpa?

Resposta: As cascas das frutas são mais saudáveis que a polpa porque possuem mais vitaminas.

6-Que tipos de alimentos são prejudiciais à saúde e, portanto, as pessoas deveriam consumir em menor quantidade?

Resposta: Chocolates, balas, doces, salgadinhos, batata frita, massas, etc, porque são alimentos ricos em gorduras, açúcares, aditivos alimentares e pobres em nutrientes necessários ao bom funcionamento do organismo.



Areli responde as perguntas feitas pelos entrevistados.

7-Quais as conseqüências de uma má alimentação?

Resposta: Distúrbios gastrointestinais devido à falta de fibras, como constipação intestinal (prisão de ventre), alguns tipos de câncer, hipertensão, obesidade, colesterol elevado e diabetes.

8-A alimentação inadequada é um obstáculo á aprendizagem? Por quê?

Resposta: Sim. A falta de nutrientes em uma criança prejudica todas as suas funções, tornando-a menos produtiva e incapacitada para determinadas atividades.

A má alimentação também é responsável pela irritação do sistema nervoso durante as aulas, tornando o aluno muitas vezes apático, irritado ou desatento, reduzindo muito seu aproveitamento na escola.

9-Por que atualmente existe uma preocupação tão grande das pessoas com relação a sua massa corporal?

Resposta: Porque a massa corporal das pessoas está diretamente ligada à sua saúde. Como já disse anteriormente, pessoas com massa corporal inadequada podem ter muitos problemas de saúde. Por outro lado, há aquelas pessoas que se preocupam somente com a beleza física, o que pode se tornar perigoso, visto que a busca pela beleza a qualquer preço também pode ser prejudicial à saúde quando foge ao controle, trazendo doenças como, por exemplo, a bulimia e anorexia.

Nesse momento, uma aluna interveio, fazendo uma pergunta que não estava no roteiro da entrevista: “Você poderia explicar para a gente o que é bulimia e anorexia?”

Resposta: Claro! A anorexia é uma doença na qual a pessoa insiste em ficar muito abaixo do seu peso ideal. Mesmo estando tão magrinha, esta pessoa se olha no espelho e se acha gorda. Então ela vai comendo cada vez menos e fazendo cada vez mais atividades físicas, chegando a ficar até com 85% a menos do seu peso ideal, o que pode levá-la à morte.

Já a bulimia é uma doença que pode se desenvolver junto com a anorexia ou não. Uma pessoa com bulimia come compulsivamente grande quantidade de alimentos e depois se sente muito triste por medo de engordar. Então, para eliminar o que comeu, essa pessoa provoca vômito, toma laxantes para ir ao banheiro ou começa a fazer uma dieta inadequada, passando, por exemplo, longos períodos sem comer. A pessoa bulímica, quando não se trata, passa a vida insatisfeita com o seu corpo, mesmo estando só um pouquinho acima do peso ideal.



Areli responde pergunta sobre bulimia e anorexia

10- Como saber qual a massa corporal adequada a cada pessoa?

Resposta: Através do IMC, que quer dizer Índice de Massa Corporal. Para calcular o IMC basta dividir o seu peso pela sua altura ao quadrado. Com o resultado você pode consultar a tabela do IMC e verá se está abaixo do peso, acima do peso ou com o peso ideal.

11- A obesidade é perigosa? Por quê?

Resposta: Sim, a obesidade é uma doença que traz vários problemas de saúde, como diabetes, hipertensão, colesterol alto, depressão, ansiedade, etc. podendo levar até a morte.

12- Comer frutas, legumes e verduras e fazer atividade física emagrece?

Sim. A combinação de uma alimentação adequada com atividade física faz emagrecer. Para emagrecer você deve comer menos calorias e gastar mais energia. A maior parte das frutas e verduras tem pouca gordura e calorias e enchem o estômago. Mas, atenção: existem outros tipos de alimentos que embora mais

calóricos são essenciais para a nossa saúde, como feijão, carne e leite, por exemplo e por isso não podem deixar de ser ingeridos.

13-Na sua opinião, o que é preciso fazer para prevenir a obesidade e ter uma vida mais saudável?

Resposta: Para prevenir a obesidade e ter uma vida mais saudável é preciso ter uma alimentação balanceada e fazer atividades físicas.

Terminada a entrevista, os alunos agradeceram a entrevistada e pediram a ela que tirasse uma foto com a turma para ficar de recordação.



Foto de Areli com toda a turma do 4º ano Cecília Meireles, antes da despedida e do agradecimento pela concessão da entrevista.



A aluna Ana Carolina agradece a entrevista e se despede da entrevistada dizendo: “Obrigada pela entrevista. Volte sempre!”

Realizada a tarefa, os alunos do 4º ano Cecília Meireles transformaram a entrevista em uma notícia para ser veiculada em um Informativo a ser criado pela turma, contendo todos os fatos ocorridos na escola João Olyntho durante o primeiro semestre do ano de 2012.

O informativo circularia durante a Finalização do Projeto de Língua Portuguesa: Jornal com enfoque em Notícias, como havia sido combinado durante a definição dos objetivos para a realização da entrevista.

Assim, a transformação da entrevista em uma notícia foi feita de forma coletiva, através de uma atividade de produção de texto, em que os alunos relatavam suas aprendizagens tanto sobre alimentação saudável como de produção de notícias. Ao professor coube o papel de escriba.

A notícia, porém teria que ficar bastante resumida para caber no Informativo junto com as demais notícias produzidas pelos alunos durante a realização do Projeto Jornal.

Abaixo, pode-se ver a entrevista transformada em notícia pelos alunos do 4º ano Cecília Meireles e em seguida o Informativo também produzido por eles:

Estudante de nutrição concede entrevista
aos alunos do 4º ano Cecília Meireles
sobre alimentação saudável

No dia 18 de maio de 2012, sexta
feira, a estudante do 7º período
de nutrição Aveli, concedeu uma
entrevista aos alunos do 4º ano
Cecília Meireles.

O tema da entrevista foi alimenta-
ção saudável, através do qual os
alunos aprenderam quais alimentos
são indispensáveis para terem uma
boa saúde e também aqueles que
trazem prejuízos para o ser humano,
causando doenças e dificultando a
aprendizagem.

Com a entrevista os alunos do 4º ano
puderam aprofundar seus conheci-
mentos sobre as causas e consequên-
cias de suas escolhas com relação
aos alimentos, confirmando que a
prática de exercícios físicos aliados
a uma alimentação balanceada
são atitudes essenciais para quem
deseja ter uma vida mais
saudável.

Notícia sobre entrevista realizada pelos alunos do 4º ano Cecília Meireles
sobre o tema: Alimentação Saudável.

João Olyntho Informa

INFORMATIVO DA "E. M. JOÃO OLYNTHO FERRAZ" – 1ª EDIÇÃO – JULHO 2012.



Os alunos das Turmas Monteiro Lobato, Ziraldo e Cecília Meireles fizeram uma visita ao Centro Histórico de Congonhas, onde puderam conhecer em detalhes a Basílica do Bom Jesus de Matosinhos, as Capelas dos Passos da Paixão, os Museus da Imagem e Memória e também o da Mineralogia e Arte Sacra na Romaria. Foi uma visita muito proveitosa, pois os alunos aprenderam muito sobre a história de Congonhas e de toda sua gente.

Aluna: Crislaine

O engenheiro agrônomo, Paulo, funcionário da Emater, fez uma palestra na escola sobre os cuidados que devem ser tomados com uma horta orgânica conscientizando os alunos contra o uso de agrotóxicos e a favor da utilização de adubos naturais na plantação. Paulo concedeu uma entrevista, através da qual os alunos aprenderam a cuidar da natureza.

Aluna: Larissa





O técnico agrônomo Guilherme compareceu à Escola João Allyntho a pedido dos alunos dos quartos anos para ensiná-los a fazer a compostagem. A técnica consiste na reutilização de restos de comida, cascas de frutas, verduras e legumes em decomposição para fabricação de um adubo orgânico. Com a compostagem, produtos que iriam para o lixo são reaproveitados, evitando assim a poluição do meio ambiente.

Aluna: Ana Carolina

No dia 18 de maio de 2012, sexta-feira, a estudante do 7º período de nutrição Keli, concedeu uma entrevista aos alunos do 4º ano Cecília Meireles.

O tema da entrevista foi alimentação saudável, através do qual os alunos aprenderam quais alimentos são indispensáveis para terem uma boa saúde e também aqueles que trazem prejuízos para o corpo humano, causando doenças e dificultando a aprendizagem.

Com a entrevista os alunos do 4º ano puderam aprofundar seus conhecimentos sobre os alimentos e conseguir dicas de suas escolhas em relação aos alimentos, lembrando que a prática de hábitos físicos aliados a uma alimentação balanceada são atitudes essenciais para quem deseja ter uma vida mais saudável.

Aluno: Claydon



Informativo para finalização do Projeto Jornal com enfoque em notícias produzido pelos alunos do 4º ano Cecília Meireles

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No primeiro dia após a realização da entrevista, instigou-se os alunos a manifestar suas impressões e falar sobre o que acharam da entrevista. Nessa ocasião, foi retomado todo o processo, desde a busca por informações sobre o tema “Alimentação Saudável” até a realização da entrevista.

Dessa forma, os alunos puderam relatar sobre suas aprendizagens, seus avanços, além de levantar as falhas que ocorreram na realização da entrevista e questionar porque elas ocorreram.

Assim, constatou-se que, após a realização da entrevista, houve acréscimo de informações e também a confirmação do que os alunos já sabiam, visto que o tema foi bastante explorado pelos alunos antes que partissem para a realização da entrevista em si.

Uma situação desagradável e que atrapalhou um pouco o desempenho dos alunos foi a demora em conseguir uma nutricionista para ser entrevistada. Entre o primeiro dia marcado para a realização da entrevista e o dia em que ela realmente ocorreu, passaram-se mais de trinta dias. Isso fez com que alguns alunos, no dia da entrevista, pedissem mais esclarecimentos sobre os termos anorexia e bulimia, os quais já haviam sido estudados.

Contudo, pôde-se concluir que uma boa entrevista depende primeiramente do domínio sobre o tema. O entrevistador deve estudar bastante sobre o que o entrevistado faz ou quem ele é para preparar as perguntas em função do estudo feito.

Outro ponto importante é o nível de interação entre entrevistador e entrevistado. Para que ocorra a interação entre os interlocutores é preciso alguns recursos que facilitam a comunicação oral, como: escuta atenta das perguntas do entrevistador e também das respostas do entrevistado, utilização de linguagem clara e objetiva, tom de voz adequado, utilização de gestos para facilitar a compreensão do que está sendo dito, entre outros.

Durante a entrevista é muito importante que aconteça um diálogo. Por isso, é necessário, numa situação escolar, que os alunos ensaiem as perguntas, pois no momento em que eles estiverem com o entrevistado, poderão se comportar de

maneira mais natural, não se preocupando apenas com as perguntas que precisam ser feitas, mas ouvindo com atenção as respostas que estão sendo dadas.

Ao ouvir com atenção as respostas do entrevistado, muitas vezes o entrevistador poderá fazer novas perguntas ou pedir esclarecimentos. Ou seja, o entrevistador pode insistir na pergunta que fez, caso ache que ela não foi satisfatoriamente respondida pelo entrevistado. Por exemplo: Se, ao perguntar, o entrevistador usa a palavra “por que”, na resposta tem que aparecer a causa e se não aparece é interessante apontar isso para o aluno, para que o mesmo refaça a pergunta.

Orientar os alunos para que produzam um roteiro com as perguntas que serão feitas durante a entrevista é essencial, visto que a produção de roteiros escritos funciona como um apoio para a memória, facilitando a exposição oral. Por outro lado, ao se constituir em uma situação de interação entre linguagem oral e linguagem escrita, a produção de roteiros é uma prática que deve ser constantemente estimulada.

Percebe-se, pois que o livro didático *Projeto Buriti* trouxe excelentes contribuições ao professor para que pudesse desenvolver a atividade de forma segura, ensinando seus alunos de forma consciente e também aprendendo com eles e suas experiências.

Da mesma forma, para realizar a entrevista com sucesso, foi imprescindível que os alunos conhecessem bem o tema a ser abordado, principalmente para que elaborassem as perguntas a serem feitas ao entrevistado de forma pertinente.

Nesse ponto, o livro foi muito eficaz, pois toda a unidade 8 (escolhida para o desenvolvimento da prática pedagógica em questão) tem uma relação intrínseca ao tema da entrevista, que girou em torno de discussões e debates sobre alimentação saudável, obesidade, massa corporal (peso), prática de atividades físicas, entre outros assuntos relacionados.

Dessa forma, observa-se que o livro didático *Projeto Buriti* traz uma proposta de trabalho que contribui para a afirmação de uma linguagem que coloca o sujeito como produtor do discurso, ao mesmo tempo em que toma a oralidade em seus vários papéis, dentro de situações sociais de uso da língua.

Por outro lado, constatou-se que as Orientações e Subsídios ao Professor poderiam ter indicado o estudo de entrevistas escritas ou televisionadas, para que o

aluno tivesse mais conhecimento sobre o gênero oral entrevista, entrando em contato com exemplos mais concretos.

Os programas da Marília Gabriela são um bom exemplo de como um entrevistador se comporta. Ela faz a pergunta e ouve a resposta do entrevistado, dialogando com ele, comportando-se como um ouvinte atento, que realmente tem interesse pela resposta do entrevistado. Por outro lado, percebe-se que ela usa um material escrito, ou seja, ela tem o apoio da escrita para fazer perguntas, em função do que ela pôde estudar antes de realizar a entrevista. A entrevistadora Marília Gabriela consegue ainda ter um bom equilíbrio entre questões que são de âmbito mais pessoal e questões que explorem o lado mais profissional do entrevistado, o que torna a entrevista mais dinâmica e interessante.

Contudo, a falta dessa indicação não atrapalhou em nada o trabalho com o gênero oral entrevista, pois os alunos conseguiram realizar satisfatoriamente a atividade, consultando o livro didático e seguindo as orientações da professora.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do ponto de vista do ensino de Língua Portuguesa, conclui-se que trabalhar a linguagem oral de forma sistemática contribui tanto para desenvolver a capacidade de comunicação do aluno, quanto para desmistificar as inúmeras formas de linguagem, formando sujeitos capazes de se utilizar das diversas possibilidades que a língua lhes permite.

Assim, acredita-se que o trabalho com a oralidade constitui-se numa verdadeira forma de praticar a cidadania, uma vez que os alunos, ao apresentar seus trabalhos, têm a possibilidade de integrar um debate, elaborar uma discussão e interagir socialmente, tornando-se cidadãos críticos, reflexivos e capazes de intervir plenamente no mundo em que vivem.

Portanto, ensinar a língua oral não significa corrigir o modo como o aluno fala, pois, como se sabe, a língua muda ao longo do tempo e no espaço e sobre adaptações segundo as situações de uso. Em uma sociedade complexa como a nossa há muitos “falares”, há muitas variantes lingüísticas que circulam. Contudo, nenhuma é melhor ou pior que a outra; são apenas diferentes.

É verdade que existe uma variante mais prestigiada, a norma culta. Quem não domina essa norma sofre o chamado preconceito lingüístico. O preconceito lingüístico é uma forma muito dura de exclusão em que o aluno é discriminado em função da variante lingüística que usa, mas em hipótese alguma, na escola, o aluno deveria ser discriminado pelo modo como fala. Portanto, observa-se que uma coisa é o professor ensinar o aluno a argumentar, a convencer, persuadir e outra coisa é discriminá-lo, reprimi-lo em função da sua variante lingüística.

Na verdade, ensinar a língua oral é possibilitar acessos a linguagens mais convencionais e formalizadas, por exemplo, qual a melhor maneira de falar durante um seminário, um debate, uma entrevista ou assembleia. É levar o aluno a não ter medo de apresentar suas ideias, falando sem receios, de um jeito organizado o que pensa e, sobretudo, não se intimidando diante de um interlocutor que talvez ocupe uma posição de autoridade.

O presente trabalho evidencia que o trato com a linguagem oral requer uma dimensão que exorbita a oralização da escrita, contribuindo para a promoção de capacidades, conhecimentos e atitudes, sem incorrer na artificialização do ensino da oralidade. Afirma-se isto porque, durante os vários estudos, pôde-se constatar que o

trabalho com a oralidade na sala de aula é tão importante quanto o trabalho com a escrita, ressaltando as peculiaridades de cada modalidade.

Uma boa proposta para o trabalho que envolva tanto a modalidade oral como a escrita de forma adequada é o ensino por meio de gêneros, pois o ensino com gêneros permite o contato dos alunos/falantes com a língua real em um contexto real de uso, em um gênero discursivo real circulante na sociedade. Isso implica o uso adequado da modalidade e da variedade de acordo com o gênero em questão, seja oral seja escrito.

Com a realização deste trabalho pode-se constatar que os objetivos propostos foram alcançados, pois os pequenos aprenderam que o gênero de comunicação oral “entrevista” tem como objetivo obter informações sobre determinado assunto, através da interação entre interlocutores, no caso entrevistador e entrevistado. E para que isso ocorra, as marcas da oralidade, ou seja, a linguagem corporal como gestos, olhares, expressões faciais são essenciais.

Assim, os pequenos perceberam que, mesmo sendo a entrevista uma atividade relacionada à fala, o emprego de um certo formalismo e a adoção de uma postura adequada são imprescindíveis.

Não se pode deixar de mencionar que aliado a esses requisitos também se encontra aquele que também é primordial: o preparo prévio, ou seja, a busca incessante pelo conhecimento. Neste caso, os alunos perceberam que, antes de tudo, é elementar que o entrevistador busque incessantemente o conhecimento, ou seja, tenha domínio do assunto em referência, de modo a elaborar um roteiro de perguntas consideradas plausíveis para, assim, alcançar os objetivos propostos

Enfim, entrevistando, os alunos utilizaram uma linguagem mais formalizada e convencional, ao mesmo tempo em que interpretaram e produziram atividades referentes à linguagem oral, aprendendo o quanto é importante saber se comunicar de acordo com o contexto.

Como professora PEB-I do município de Congonhas, ter realizado este trabalho foi muito gratificante, pois adquiri muitos conhecimentos. Daqui para frente, pretendo me posicionar de forma crítica e reflexiva, construindo um processo de autonomia intelectual para estudar, aprender e ensinar, estando sempre aberta ao novo e às transformações, com muita motivação, envolvimento e compromisso.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. Aula de Português: assumindo a dimensão interacional da linguagem. São Paulo: Parábola editorial, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF.1998.106.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/ SEF, 2001.

COSTA VAL, M. G. *et alli. Avaliação do texto escolar. Professor-leitor / Aluno-autor.* Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GERALDI, João Wanderley, Portos de Passagem, Ed. Martins Fontes, S.P., 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Da fala para a escrita: atividades de retextualização; Ed.2 São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e ensino, uma questão pouco 'falada'. In: DIONÍSIO, Angela Paiva e BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). O livro didático de português. Rio de Janeiro: Lucema, 2002.

Produção de textos escritos: caderno do professor / Martha Lourenço Vieira; Maria da Graça Costa Val – Belo Horizonte: Ceale / Fae / UFMG, 2005. 52 p. (Coleção Alfabetização e Letramento)

PROJETO BURITI: português, 4º ano. Editora Moderna. 1.ed. – São Paulo: 2007.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo : Cortez, Autores Associados, 1986.

TRAVAGLIA, Luís Carlos: Gramática e interação: Numa proposta para o ensino de gramática. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

Varição linguística e ensino: caderno do professor / Janice Helena Chaves Marinho, Maria da Graça Costa Val. – Belo Horizonte: Ceale, 2006. 60 p. – (Coleção Alfabetização e Letramento)

WOLF, Rosângela A. do Prado. Da formação do professor à prática textual na aula de Língua Portuguesa. Dissertação de Mestrado UEM, Maringá Pr.2002. Disponível em <http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/rapwolf.pdf>. acesso em:02/03/12.